

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

**A REPRESENTAÇÃO DE MANIFESTANTES E AGENTES
PÚBLICOS COMO ATORES SOCIAIS EM TEXTOS SOBRE OS
PROTESTOS NO BRASIL EM 2013**

PRISCILA DE OLIVEIRA NOVAIS LIMA

JOÃO PESSOA

2015

PRISCILA DE OLIVEIRA NOVAIS LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DE MANIFESTANTES E AGENTES
PÚBLICOS COMO ATORES SOCIAIS EM TEXTOS SOBRE OS
PROTESTOS NO BRASIL EM 2013**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa Silva

Co-Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis.

JOÃO PESSOA

2015

L732r Lima, Priscila de Oliveira Novais.

A representação de manifestantes e agentes públicos como
atores sociais em textos sobre os protestos no Brasil em 2013 /
Priscila de Oliveira Novais Lima.- João Pessoa, 2015.

92f. : il.

Orientador: Camilo Rosa Silva

Coorientador: Roberto Carlos de Assis

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Estudos da tradução. 3. Discurso.
4.Representação. 5. Manifestações populares.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Dissertação defendida e aprovada em 27/03/2015 pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Camilo Rosa Silva - PROLING
Orientador

Roberto Carlos de Assis - UFPB
Co-orientador

Sinara de Oliveira Branco - UFCG

Daniel Antônio de Sousa Alves - UFPB

Pedro Farias Francelino - PROLING
Suplente

AGRADEDIMENTOS

Ao Prof. Dr. Camilo Rosa por ter aceitado me orientar e pela oportunidade de cursar o Mestrado no PROLING. Ao Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis, pela co-orientação, pela amizade e por ter, pacientemente, me conduzido pelas convenções do mundo acadêmico; aos membros da banca, Prof.^a Dr.^a Sinara de Oliveira Branco e Prof. Dr. Daniel Antônio de Sousa Alves e Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (suplente), por terem aceitado participar da banca de defesa deste trabalho; aos professores do PROLING, em especial, a Prof.^a Dr.^a Lucienne Espíndola, Prof.^a Dr.^a Maria Leonor Santos e Prof. Erivaldo Nascimento; aos secretários do PROLING Ronil Ferraro e Valberto Cardoso; aos professores do curso de Tradução, Prof.^a Dr.^a Luciane Leipnitz, Prof.^a Dr.^a Tânia Liparini, Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Cardoso e Prof.^a Dr.^a Maura Dourado, por sempre estarem em contato com os egressos do curso.

A José Iran Lima Filho, esposo e companheiro - cujo discurso foi incansavelmente analisado - por sempre me apoiar e incentivar; a Anita Oliveira Lima, minha filha, por ter aceitado minha ausência durante as férias de 2014 e por compreender quando eu precisava estudar, mesmo em tão tenra idade; a Flacilene Alves de Oliveira, minha mãe, por ter me proporcionado chegar até aqui; a Roberto Alves de Oliveira, meu tio, por incentivar o gosto pela Linguística; a Reinaldo Alves de Oliveira, meu avô, linguista autodidata.

A todos os meus poucos amigos, em especial, Clarissa Rosas e Arthur Melo, que, mesmo à distância, estão sempre presentes e cuja amizade possui valor inestimável; a Raíssa Carneiro por dividir comigo a alegria de cursar um mestrado; aos irmãos Flaviana e Flávio Ferreira, pelas conversas na Praça da Alegria e ao telefone; a Klebi, Ingrid e Luana, por terem tornado 2014 um ano mais divertido. Aos amigos de Tradução, do Mestrado, da União e àqueles que, de alguma forma, contribuíram para realização deste trabalho.

Ao Divino Mestre.

RESUMO

O presente trabalho se insere em uma área de convergência entre os Estudos da Tradução, a Análise Crítica do Discurso e a Representação de Atores Sociais, haja vista que analisamos o fenômeno da representação de atores sociais em textos jornalísticos em língua portuguesa e língua inglesa. São analisados textos originalmente escritos em português e em inglês sobre as manifestações ocorridas no Brasil em 2013, configurando, assim, o que Tagnin (2004) denomina como corpus comparável bilíngue. Como sustentáculo teórico da análise, utilizamos a Teoria de Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1997), a qual deriva da Linguística Sistêmico-Funcional e propõe um inventário sociossemântico para se investigar a representação dos participantes das práticas sociais. Para realizar a análise, denominamos como *Manifestantes* os atores sociais que, de alguma forma, participaram ativamente ou deram suporte à prática social conhecida como Manifestações no Brasil, e, como *Agentes Públicos*, os atores sociais que, de alguma forma, contribuíram para conter o referido movimento. Utilizando-nos de ferramentas da Linguística de Corpus, foram feitas anotações no corpus para identificar de quê maneira esses atores sociais foram excluídos ou incluídos nas representações textuais analisadas neste trabalho. Os resultados indicam que, além de fazerem uso de elementos linguísticos distintos para fazer referência aos atores sociais nas duas línguas, os textos analisados em língua portuguesa e em inglesa parecem enfatizar diferentes recortes da mesma prática social. Essa diferenciação no modo de se recontextualizar o mesmo evento ou prática social levanta questionamentos acerca dos aspectos discursivos subjacentes aos textos jornalísticos no par linguístico analisado neste trabalho. A partir da presente análise, procuramos ressaltar quanto e de que forma as diferentes maneiras de se recontextualizar o mesmo evento podem construir diferentes significados nos dois sistemas linguísticos.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Discurso; Representação; Manifestações Populares.

ABSTRACT

This work is inserted in a convergence area among Translation Studies, Critical Discourse Analysis and Representation of Social Actors, as the representation of social actors in journalistic texts written in Portuguese and in English are analyzed. Texts about the demonstrations that took place in Brazil in June 2013, originally written in Portuguese and in English are analyzed, setting up what Tagnin (2004) considers a bilingual comparable *corpus*. The theoretical foundation used for the analysis is the Theory of Representation of Social Actors, introduced by van Leeuwen (1997), which is derived from the Systemic Functional Linguistics. The Theory of Representation of Social Actors introduces a sociosemantic inventory to investigate the representation of participants of social practices. To perform the analysis, the social actors who, somehow, have actively participated or supported the social practice known as Manifestations in Brazil are called *Manifestantes*; and the social actors who, somehow, have helped to contain this movement are called *Agentes Públicos*. Using the *Corpus Linguistics* tools, corpus has been annotated in order to identify how these social actors were excluded or included in the analyzed texts. The results indicate that in addition to making use of distinct linguistic elements to refer to the social actors in both languages, the texts analyzed in Portuguese and English seem to emphasize different cuts of the same social practice. This dissimilarity in the way of re-contextualizing the same event or social practice brings up questions about the discursive aspects regarding journalistic texts in the language pair analyzed in this work. From this analysis, it is pointed out how much and in which ways the different manners to re-contextualize the same event can build different meanings in the two linguistic systems.

Keywords: Translation Studies; Discourse; Representation; Popular Manifestations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1: Mapeamento dos Estudos da Tradução proposto por Holmes	19
FIGURA 2: Mapa dos Estudos da Tradução baseado em Holmes.....	20
FIGURA 3: Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução ...	22
FIGURA 4: Categorias sociossemânticas de representação de atores sociais – Sistema RAS	29
FIGURA 5: Dados do <i>subcorpus</i> em português retirados a partir da ferramenta <i>Wordlist</i>	54
FIGURA 6: Dados do <i>subcorpus</i> em inglês retirados a partir da ferramenta <i>Wordlist</i> ..	54
FIGURA 7: Recorte do subsistema de Personalização dentro do sistema RAS.....	76

GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos <i>subcorpora</i> em português e inglês.	57
GRÁFICO 2: Inclusões e Exclusões dos Manifestantes e Agentes Públicos no <i>subcorpus</i> em português.	61
GRÁFICO 3: Personalização e Impersonalização nos <i>subcorpora</i> em português e em inglês.....	71
GRÁFICO 4: Categorias de Personalização no <i>corpus</i>	77

QUADROS

QUADRO 1: Subcategorias de Personalização e Impersonalização.....	37
QUADRO 2: Grade de Marcação do <i>Corpus</i>	48
QUADRO 3: Nódulos de busca no AntConc	50
QUADRO 4: Realizações de Manifestantes e Agentes Públicos no <i>corpus</i>	56

QUADRO 5: Exclusão de Manifestantes e Agentes Públicos no <i>corpus</i>	63
QUADRO 6: Inclusão de Manifestantes e Agentes Públicos no <i>corpus</i>	64
QUADRO 7: Impersonalização de Manifestantes e Agentes Públicos nos dois <i>subcorpora</i>	72
QUADRO 8: Determinação no <i>corpus</i>	78
QUADRO 9: Indeterminação no <i>corpus</i>	82

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Dados sobre o tamanho dos subcorpora	53
TABELA 2: Realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos dois <i>subcorpora</i>	58

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
ABSTRACT.....	2
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	3
LISTA DE TABELAS.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - MARCO TEÓRICO	18
1.2 A Representação de Atores Sociais	24
1.2 A Linguística de <i>Corpus</i>	39
CAPÍTULO 2 – DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E METODOLOGIA.....	43
2.1 - Descrição do <i>corpus</i>	43
2.2 - Procedimentos Metodológicos	46
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	52
3.1 - Dimensão do <i>Corpus</i>	52
3.2 Através de quais elementos lexicais e/ou gramaticais os atores sociais Manifestantes e Agentes Públicos são realizados nos textos analisados em português e em inglês?	55
3.3 Como as realizações dos Manifestantes e Agentes Públicos são consideradas à luz da Teoria de Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1997)? ..	60
3.3.1 - A Exclusão	65
3.3.2 - A Inclusão	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Os Estudos da Tradução se constituíram como campo disciplinar e vêm apresentando um considerável crescimento nos últimos 40 anos. Como resultado desse crescimento e de um influxo de contribuições paradigmáticas e metodológicas advindas de outros campos do conhecimento, os Estudos da Tradução se tornaram uma combinação de abordagens específicas e, entre elas, se destacam as abordagens Discursivas da Tradução, as quais se pautam na(s) maneira(s) como a língua textualiza significado(s) e relações sociais e de poder.

Considerando que este trabalho se situa nas abordagens discursivas, torna-se necessário discutir o conceito de discurso aqui adotado. A respeito da polissemia do termo, Fairclough (2001, p. 93) comenta que “[...] a capacidade da palavra ‘discurso’ de referir-se às estruturas de convenção que subjazem aos eventos discursivos reais, assim como aos próprios eventos, é uma ambiguidade feliz, mesmo se de outros pontos de vista possa gerar confusão”. Nesse sentido, o sentido utilizado neste trabalho é aquele que compreende discurso como sendo as estruturas que subjazem aos eventos discursivos reais.

Esta pesquisa, além de se inserir nas abordagens Discursivas da Tradução, também dialoga com a Linguística Sistêmico-Funcional, haja vista que a análise linguística aqui realizada encontra fundamento na teoria de Representação de Atores Sociais (doravante, RAS), que tem seus fundamentos na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF). Para Halliday (2001), a tradução se constitui como um fenômeno dentro do campo da linguagem, que interessa não apenas a tradutores, mas também a linguistas.

Partimos do conceito de discurso como cognições sociais. Van Dijk (2012, p. 78) define cognições sociais como sendo:

[...] as crenças ou *representações sociais* que eles [os usuários] compartilham com outros de seu grupo ou comunidade.

Conhecimento, atitudes, valores, normas e ideologia são diferentes tipos de representações sociais ¹. (itálico no original)

A partir desse pressuposto, compreendemos que todo discurso recontextualiza uma prática social. Ou seja, os discursos servem de recurso para a representação textual das práticas sociais, que são entendidas aqui como “formas socialmente reguladas de se fazer as coisas” (van LEEUWEN, 2008, p. 6)². Nesse sentido, a pluralidade de discursos explica as muitas maneiras possíveis de se representar a mesma prática social. Assim, quando um evento (ou prática social) dá origem a diferentes discursos, o estudo das representações textuais desses discursos se justifica na medida em que elas não somente representam o acontecimento, como também os avaliam, os justificam e os legitimam, de modo que as estratégias usadas na representação acabam se tornando mais relevantes que a própria prática social representada.

Ao reconhecermos que diferentes representações textuais podem surgir de uma mesma prática social, reconhecemos, por consequência, a importância de se investigar esses textos como forma de se chegar ao(s) discurso(s) que a eles subjazem. A análise dos elementos linguísticos utilizados nas representações textuais se mostra de fundamental relevância, uma vez que evidenciam *como* esses elementos são articulados para servir a determinado propósito comunicativo e/ou atingir a determinado público. Nesse sentido, ao analisar o discurso através de textos pertencentes a diferentes sistemas linguísticos, estamos não apenas comparando as diferentes maneiras pelas quais ele pode ser linguisticamente materializado, mas estamos, também, investigando se há ou não uma correspondência discursiva entre os sistemas linguísticos envolvidos.

Matthiessen (2005) enfatiza que as muitas atividades situadas dentro e ao redor da linguística que enfocam a diversidade de línguas ao redor do mundo – tais como Estudos da Tradução e Análises Contrastivas, entre outras – deveriam ser agrupadas em um espaço teórico que poderia ser chamado de Estudos Multilíngues, haja vista que um maior intercâmbio entre estas áreas somente as beneficiaria. Considerando

¹ Tradução nossa de: “[...] the beliefs or *social representations* they share with others of their group or community. Knowledge, attitudes, values, norms and ideology are different types of social representations”. Itálico no original.

² Tradução nossa de: “[...] socially regulated ways of doing things”.

essa percepção, Jesus (2012, p. 287) vislumbra o surgimento de uma nova fase na interface dos Estudos da Tradução com os Estudos Sistêmico-Funcionais, na qual, conforme salienta a autora, se adota uma perspectiva contrastiva entre sistemas linguísticos e entre as características de textos traduzidos e textos não-traduzidos.

Ao situar a tradução dentro do complexo semiótico da linguagem em contexto, Matthiessen (2001, p. 41-42) pondera que certas definições para tradução acabam por isolá-la de outros interesses potencialmente relevantes, tais como a tradução entre sistemas semióticos no geral (não apenas entre sistemas linguísticos) e as pesquisas multilíngues no âmbito da linguística comparativa e contrastiva. Ao desconstruir a concepção de que a tradução é um fenômeno que envolve apenas sistemas linguísticos, o autor amplia o conceito de tradução, de modo que podemos compreender que as práticas sociais são *traduzidas* ou *recontextualizadas* em representações linguísticas da prática social em questão.

Jakobson (1959, p.31), em *On linguistic aspects of translation*, distingue três maneiras de se interpretar o signo verbal: traduzindo-o para outros signos da mesma língua, para signos de outra língua ou, ainda, para um sistema de signos não verbal (do verbal para música, dança, cinema, pintura, etc). O autor denomina, respectivamente, essas atividades como tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica. A partir dessa perspectiva, por analogia, podemos afirmar que a tradução intersemiótica também pode se dar partindo da prática social em direção aos textos que a traduzem para um sistema de signos verbal.

Segundo Oustinoff (2011, citado por BRANCO, 2011), mesmo as palavras escritas são significantes visuais que podem ser traduzidas por significantes auditivos (fala), em gestos (linguagem de sinais), em significantes táteis do alfabeto braile, entre outros signos e/ou significantes. Analogamente, podemos afirmar que os signos imagéticos do cotidiano e/ou das práticas sociais também podem ser traduzidos para significantes verbais. Para o autor, a tradução intersemiótica é uma atividade tão natural e espontânea que passa despercebida no cotidiano e deveria ser estudada em uma disciplina da semiótica peirceana.

Plaza (2003, p. 18), em *Tradução Intersemiótica* afirma que, por conta de seu caráter de transmutação de signo em signo, todo pensamento é uma tradução. Segundo o autor, “quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções (que, aliás, já são signos ou

quase-signos) em outras representações que também servem como signos.” Em outras palavras, o pensamento é dialógico, ou seja, guarda uma relação com o pensamento anterior que lhe deu origem, processando-se, assim, uma cadeia semiótica. O autor continua:

se no nível de pensamento “interior” a cadeia semiótica se institui como processo de tradução e, portanto, dialógico, o que dizer daquela que se instaura no intercâmbio entre emissor e receptor como entidades diferenciadas? Neste caso, o pensamento, que já é signo, tem que ser *traduzido* numa expressão concreta de material de linguagem que permita a interação comunicativa.” (PLAZA, 2003, p. 18-19. Ênfase nossa)

Seguindo o entendimento dos referidos autores, analisamos as maneiras por meio das quais diferentes sistemas linguísticos traduzem a mesma prática social, enfocando a representação dos atores sociais envolvidos nessas práticas. Van Leeuwen (2008, p. 12) afirma que a prática social a ser recontextualizada pode ser uma sequência de atividades não linguísticas, uma sequência que alterna atividades linguísticas e não linguísticas ou uma sequência de atividades linguísticas. A prática social recontextualizante, por sua vez, é sempre uma sequência de atividades linguísticas ou semióticas. O próprio processo de recontextualização não apenas faz a prática social em questão passar pelo filtro das práticas em que estão inseridas, como também pode tornar as práticas sociais mais ou menos explícitas.

Neste trabalho, investigamos textos sobre um mesmo fenômeno social em dois sistemas linguísticos distintos. Mais especificamente, analisamos as formas através das quais os atores sociais envolvidos nos protestos acontecidos no Brasil, em junho de 2013, foram representados em textos jornalísticos escritos em português e em inglês. Os jornais que veiculam os textos analisados nesta pesquisa são *The Chicago Tribune*, *The New York Times*, *The Guardian*, *Correio Braziliense*, *A Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*.

A prática social investigada neste trabalho foi denominada pela mídia de várias formas, dentre as quais “Protestos no Brasil em 2013”, “Manifestações dos 20 centavos”, “Jornadas de Junho”, entre outras. Tratou-se de um fenômeno envolvendo milhares de brasileiros das maiores cidades do país que protestaram, inicialmente, contra o aumento das tarifas dos transportes, mas que acabou se transformando em um manifesto com expressão mais ampla: má gestão do governo federal, representado pela

Presidente Dilma Rousseff, os gastos com a Copa do Mundo de 2014, organizada pela *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA, com a segurança pública, saúde e educação.

A escolha pela referida prática social se deve à repercussão que obteve em nível nacional e internacional, especialmente, no que diz respeito à caracterização dos manifestantes pela mídia brasileira, ressaltando a importância de análises da representação não apenas dos participantes envolvidos, mas também dos outros elementos constitutivos das práticas sociais, tais como as ações, modos de performance, condições de elegibilidades dos participantes, estilos de apresentação dos participantes, tempos, locais, condições de elegibilidade para os locais, recursos (ferramentas e materiais) e condições de elegibilidades para os recursos (VAN LEEUWEN, 2008).

Para compor o *corpus* desta pesquisa, selecionamos textos dos jornais brasileiros *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Correio Braziliense*, por se tratarem de jornais de grande circulação no país. Selecionamos os textos em inglês a partir dos jornais *Chicago Tribune*, *The New York Times* e *The Guardian*, igualmente por se tratarem de jornais de grande circulação dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Com relação aos textos em língua inglesa, importa destacar que, apesar de terem sido retirados de jornais de países diferentes e, por conseguinte, pertencentes a variantes e realidades sócio-histórico-discursivas distintas, os textos são alocados em conjunto porque o objetivo deste estudo é examinar como a prática social se realizou nos dois sistemas linguísticos, independentemente de quaisquer posicionamentos políticos e ideológicos declarados pelos países em questão. Sendo assim, ao coletarmos textos em língua inglesa de diferentes países, ampliamos o leque de possibilidades de realizações linguísticas, não restringindo a investigação somente a uma variante de um país ou de outro.

Temos consciência de que os veículos de comunicação obtêm as notícias que veiculam a partir de agências de notícias e que, por essa razão, não é possível afirmar com certeza que os textos analisados neste trabalho foram originalmente escritos no idioma em que o jornal é publicado. No entanto, ao considerarmos que os textos publicados nos jornais resultam da escolha de uma dentre as diferentes possibilidades de textualização de uma mensagem, compreendemos que a versão final de um texto apresentado a um determinado público é construída a partir de um conjunto de decisões direcionadas para se atingir aquele público (COULTHARD, 1992).

Ressaltamos que, ao afirmarmos nossa opção por textos midiáticos para a investigação realizada nesta pesquisa, estamos tão somente afirmando nossa escolha por trabalhar com textos de grande circulação e que não sejam literários, independentemente de a qual gênero discursivo da esfera jornalística o texto pertença. Não estamos fazendo distinção entre manchetes, notícias, entrevistas, boletins, depoimentos, reportagens, coluna, etc. Os textos midiáticos são hoje a principal fonte de conhecimento e opinião não apenas do cidadão comum, mas também das elites (VAN DIJK, 2012, p. 144).

Van Dijk (1995 p. 28) discute o papel da mídia de massa no panorama social, econômico e cultural. Para o autor, a mídia de massa gera ou medeia os discursos públicos, os quais fornecem embasamento ideológico para os mercados, para a política, exploração e marginalização. Nesse sentido, Wodak (2004) aponta a mídia de massa como espaço frutífero para pesquisas no âmbito do discurso. Segundo ela,

[...] a linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada como um espaço de poder, de lutas, e também como um espaço onde a linguagem é aparentemente transparente. As instituições midiáticas costumam se considerar neutras por que acreditam que dão espaço para o discurso público, refletem os estados de coisas de forma desinteressada, e expressam as percepções e os argumentos dos jornalistas.” (WODAK, 2004, p. 231)³.

Apesar de não apresentar uma definição propriamente dita acerca do que seria mídia de massa, Fairclough (2006, p. 103) destaca seu caráter crucial na “disseminação global de informação, notícias, reações e interpretações das informações e notícias, novas estratégias, discursos, idéias e práticas, novas normas e valores em atividades econômicas, sistemas e processos políticos, instituições sociais, organizações e a condução da vida cotidiana, mudanças em atitudes, sentimentos, identidades e assim por diante”.⁴

A fim de possibilitar a comparação entre os padrões de representação dos atores sociais nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, tornou-se necessário que agrupássemos esses participantes sob denominadores comuns, os quais funcionam

³ Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo.

⁴ Tradução nossa de “[...] global dissemination of information, news, reactions to and interpretations of information and news, new strategies, discourses, ideas and practices, new norms and values in economic activities, political systems and processes, social institutions, organizations, and the conduct of ordinary life, changes in attitudes, sentiments and identities and so forth

como âncoras na análise, não sendo, necessariamente, a maneira mais adequada ou congruente de nos referirmos a eles, sendo apenas uma forma de distinção entre os grupos analisados. Nesse sentido, para esta análise, os atores sociais foram agrupados sob os denominadores *Manifestantes* e *Agentes Públicos*. Cabe ressaltar que o primeiro encontra pertinência nas próprias denominações midiáticas da prática social investigada. Já o segundo surgiu a partir do contato com os textos, ao se constatar que os interesses de alguns participantes relacionados ao governo, de alguma forma, convergiam para conter a prática social das Manifestações.

A análise da representação dos Manifestantes e dos Agentes Públicos como atores sociais encontra sustentáculo na Teoria de Representação de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996; 2008), teoria que deriva da Linguística Sistêmico-Funcional e que vem se consolidando como ferramenta de análise linguística dentro e fora dos Estudos da Tradução. Como exemplos de trabalhos que a utilizam dentro dos Estudos da Tradução, citamos Assis (2009), Bueno (2012), Novais (2013) e Oliveira (2014). Fora dos Estudos da Tradução, Pardo-Abril (2005), Novodvorski (2008) e Gouveia (1997), dentre outros. As pesquisas destes autores serão apresentadas nesta seção, contudo, serão mais detalhadas quando da apresentação do marco teórico.

Em linhas gerais, Assis (2009) faz uma análise da representação de europeus e africanos como atores sociais no romance *Heart of Darkness* e em duas traduções para o português brasileiro. Além de propor uma expansão do Sistema de Representação dos Atores Sociais, o autor conclui que os africanos são representados através de formas que os desumanizavam, enquanto os europeus são representados por formas que lhes atribuíam poder. Na análise das duas traduções, são encontradas escolhas mitigadoras da representação negativa dos africanos ao mesmo tempo em que se acentuaram avaliações negativas dos europeus.

Bueno (2012) investiga a representação das ações sociais da Chapeuzinho Vermelho em oito reescritas do conto homônimo, quatro em português brasileiro e quatro em espanhol argentino. A autora observa diferentes padrões de representação da protagonista e dos outros participantes nos textos investigados e nas respectivas capas.

Por sua vez, Novais (2013) analisa a representação de personagens infantis como atores sociais em contos de Saki (originalmente escritos em língua inglesa) e em suas respectivas traduções para o português brasileiro. As personagens infantis são representadas por meio de formas que empoderavam as personagens masculinas,

enquanto as personagens femininas são representadas por categorias que as restringiam às esferas familiares e da vida privada.

Oliveira (2014) analisa a representação de Jesus como ator social no evangelho de João em português e em espanhol. A autora verifica nos dois idiomas que diferentes padrões de Personalização e Impersonalização na representação de Jesus implicam na construção de uma personagem mais ou menos humana e, consequentemente, mais próxima ou mais distante dos leitores.

Há, também, a contribuição de Pardo-Abril (2005), que investiga em quatro jornais colombianos a representação dos participantes armados em conflitos na Colômbia. A autora observa que as diferentes formas de se aludir aos referidos atores têm consequências diretas na construção de suas identidades coletivas.

Novodvorski (2008) investiga em um *corpus* multilíngue formado por artigos de jornais brasileiros, argentinos e espanhóis as formas de representação dos atores sociais responsáveis pela implementação do ensino de espanhol nas escolas brasileiras. Os dados mostram que os outros países da América Latina são excluídos dos textos, revelando a Espanha como principal interessada na implementação do ensino de espanhol como língua estrangeira em território brasileiro.

Gouveia (1997) faz uma análise a respeito da incorporação de soldados homossexuais no efetivo das forças armadas dos Estados Unidos, discutindo a representação destes soldados, da população e do governo a partir de artigos publicados no jornal *The New York Times*.

Após havermos apresentado algumas pesquisas embasadas teoricamente na Teoria de Representação de Atores Sociais, faz-se necessário apresentar os questionamentos norteadores desta pesquisa, os quais constituem uma maneira de abordar os pontos que serão discutidos neste trabalho.

Como perguntas norteadoras deste estudo, temos:

1. Através de quais elementos lexicais e/ou gramaticais os atores sociais Manifestantes e Agentes Públicos são realizados nos textos analisados em português e em inglês?

2. Como as realizações dos Manifestantes e Agentes Públicos são consideradas à luz da Teoria de Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1997)?

Os questionamentos de pesquisa apresentados estão organizados numa ordem para melhor analisar o *corpus* desta pesquisa. Para responder à primeira pergunta, importa explicar o que entendemos por “realização”. Pelo referido termo, entendemos as referências textuais feitas a determinado participante, independentemente de como essas referências serão consideradas pela Teoria de representação de atores sociais. Para responder à segunda pergunta, faremos uma correlação das realizações encontradas com as categorias sociossemânticas propostas por van Leeuwen (1997), além disso, faremos uma discussão sobre as implicações linguísticas e discursivas da representação dos Manifestantes e Agentes Públicos como atores sociais nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Tomando por base as questões norteadoras desta pesquisa, partimos das seguintes asserções/hipóteses:

1. Baseando-se no estudo de Vieira (1984) a respeito das diferenças estilísticas da língua portuguesa e inglesa, Baker (1992, p. 183) explica que na língua portuguesa a coesão textual se estabelece principalmente por meio de mecanismos lexicais (como a repetição lexical), enquanto na língua inglesa, a coesão textual se dá principalmente através de mecanismos gramaticais (como a pronominalização). Sendo assim, esperamos que haja uma predominância de itens lexicais na realização dos atores sociais investigados nos textos em português, enquanto a realização desses participantes se dará predominantemente por meios gramaticais nos textos em inglês.
2. De acordo com a Teoria de Representação de Atores Sociais, os mecanismos lexicais estão entre os realizadores textuais da Inclusão e os gramaticais realizam textualmente a Exclusão. Se, conforme explica Baker (1992), a língua portuguesa prioriza a coesão lexical e a língua inglesa, a gramatical, identificaremos mais representações por Inclusão nos textos em português e mais representações por Exclusão nos textos em inglês. Após identificarmos as realizações textuais desses participantes obtidas pela resposta à pergunta 1, verificaremos se essas realizações incluem ou excluem os atores sociais investigados. De acordo com o sistema RAS, a Exclusão de um ator social se

deve a interesses particulares daquele que idealiza a recontextualização em relação ao público alvo da mesma. Assim, a Exclusão pode resultar da própria coesão textual ou do interesse de se evitar um conhecimento pormenorizado a respeito de determinada prática social. A Inclusão do ator social, por outro lado, registra sua participação na prática social, mesmo que em diferentes níveis, além de possibilitar que se questionem suas ações ou omissões.

Ao responder a esses questionamentos, esta pesquisa tem como objetivo geral:

1. Contribuir para os Estudos da Tradução e para os Estudos Críticos do Discurso, através da comparação das representações de atores sociais em um *corpus* comparável bilíngue e da descrição das categorias sociossemânticas de representação dos atores sociais nas duas línguas.

E como objetivos específicos:

1. investigar a representação de Manifestantes e Agentes Públicos como atores sociais em um *corpus* comparável bilíngue;
2. identificar as diferenças e semelhanças nos sistemas linguísticos do inglês e do português no que diz respeito às formas de representar os atores sociais analisados.

Os Estudos da Tradução são um campo disciplinar cujo objeto de estudo goza de uma dinamicidade que lhe permite adentrar não apenas nas mais diversas áreas da Linguística, como também em áreas como a Semiótica Social, os Estudos Culturais, a Filosofia, a Engenharia da Linguagem e os Estudos Literários, sendo, portanto, uma disciplina fundamentalmente multifacetada.

Levando em conta essa característica, torna-se necessário para os Estudos da Tradução com viés sistêmico-funcional fomentar pesquisas que, como esta, buscam descortinar os discursos que subjazem às estruturas linguísticas, uma vez que essas não

apenas produzem, mas também confirmam, legitimam, reproduzem ou até desafiam as relações de poder na sociedade.

Então, ao identificarmos como esses elementos linguísticos são organizados a serviço de determinado discurso em contextos distintos e por meio de sistemas linguísticos igualmente distintos, estamos contribuindo para pormenorizar, destacar e destrinchar fenômenos textuais considerados “naturais”, mas que trazem consigo uma carga de “interesses” que porventura passem despercebidos ao leitor.

Este trabalho está organizado em três capítulos que seguem esta introdução. No primeiro, apresentaremos o arcabouço teórico utilizado, inserindo esta pesquisa nos Estudos da Tradução e situando-a entre as abordagens discursivas da tradução de viés sistêmico-funcional. Apresentaremos, ainda, alguns pressupostos da Linguística de *Corpus*, uma vez que esta informa a metodologia deste trabalho. No segundo capítulo, descreveremos o *corpus* desta pesquisa, com o objetivo de estabelecer uma contextualização dos textos analisados. Em seguida, apresentamos os passos metodológicos seguidos para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem desde a preparação dos textos para exploração por ferramentas computacionais, o processo de etiquetamento e os nós de busca. No último capítulo, faremos a apresentação e discussão dos dados, baseando-nos nas questões que norteiam esta pesquisa.

CAPÍTULO 1 - MARCO TEÓRICO

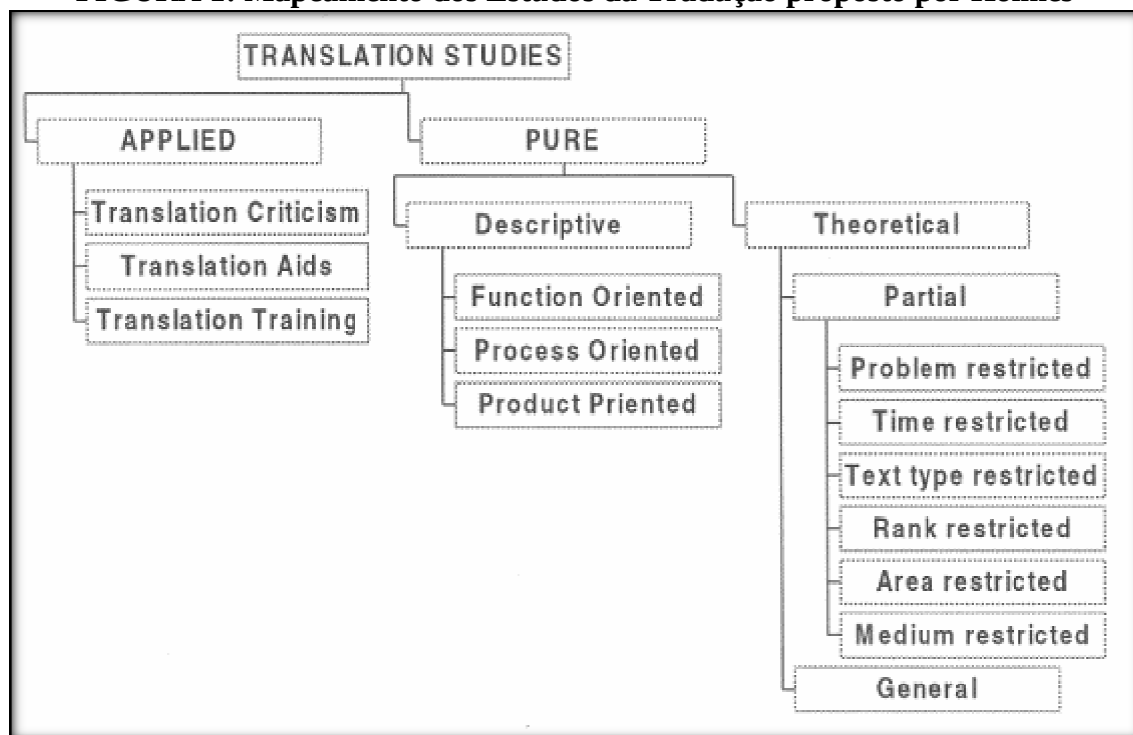
Apesar de a atividade tradutória remontar a tempos imemoriais, coincidindo com a própria história da humanidade e de nosso ímpeto por explorar novos mundos, os Estudos da Tradução têm se constituído como disciplina apenas nos últimos 40 anos, tendo observado considerável crescimento nesse período. A respeito do processo de consolidação dos Estudos da Tradução, Holmes (1988, p. 67), em *The Name and the Nature of Translations Studies*⁵, afirma:

Quando surge um novo problema ou conjunto de problemas no mundo do aprendizado, há um influxo de pesquisadores provenientes de áreas adjacentes, trazendo consigo os paradigmas e modelos que se provaram frutíferos em seus campos de atuação. [...] Em algumas situações, o problema se mostra passível de explicitação, análise e explicação, tendo, ao menos, uma solução parcial dentro dos limites de um dos paradigmas ou modelos e, nesse caso, é anexado como um ramo legítimo de um determinado campo de estudos. Em outras situações os paradigmas ou modelos não conseguem produzir resultados suficientes, e os pesquisadores tomam ciência de que novos métodos são necessários para abordar o problema. (HOLMES, 1988, p.67)⁶

Ao constatar que as pesquisas voltadas tanto para o processo, quanto para o produto da Tradução se inserem na segunda situação das acima descritas, Holmes (1988) propõe a criação de uma nova disciplina – a partir de então denominada de Estudos da Tradução – e propõe um mapeamento da mesma. No entanto, o referido mapeamento só foi efetivamente esquematizado por Gideon Toury (1995), em *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Na FIG. 1, apresentamos uma visualização inspirada no mapeamento sugerido por Holmes:

⁵ Apesar de haver sido publicado em 1988, esse artigo foi apresentado no *Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada*, sediado em Copenhague, em 1972.

⁶ Tradução nossa de “As a new problem or set of problems comes into view in the world of learning, there is an influx of researches from adjacent areas, bringing with them the paradigms and models that have proved fruitful in their own fields. (...) In some situations the problem proves amenable to explicitation, analysis, explication, and at least partial solution within the bounds of one of the paradigms or models, and in that case it is annexed as a legitimate branch of an established field of study. In other situations the paradigms or models fail to produce sufficient results, and researches become aware that new methods are needed to approach the problem”.

FIGURA 1: Mapeamento dos Estudos da Tradução proposto por Holmes

(cf. Pagano e Vasconcellos, 2003)

Holmes propõe uma sistematização para a nova disciplina e divide os Estudos da Tradução em dois grandes grupos: puros e aplicados, ambos se dividindo em subgrupos, de modo que todos os grupos e subgrupos estão interrelacionados, conforme observado na FIG. 1. Os estudos aplicados se concentram em Avaliação da Tradução, auxílio ao Tradutor e formação do Tradutor. Já os estudos puros descritivos podem ser orientados pela função, pelo processo ou pelo produto da tradução. Por sua vez, os estudos puros teóricos, podem ser gerais ou parciais, sendo considerados parciais aqueles estudos que se concentrem em algum problema, momento, tipo textual, nível, área ou meio específicos.

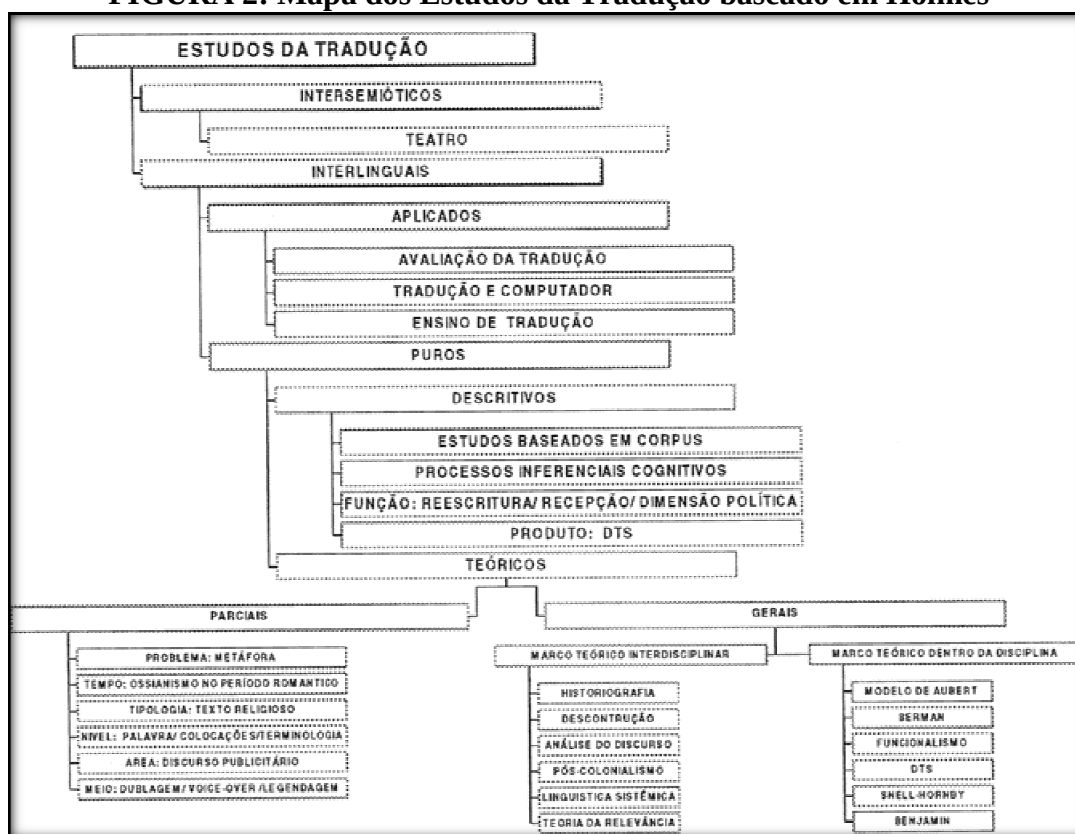
O trabalho de Holmes (1988) é considerado um dos precursores dentro dos Estudos da Tradução, tendo sua contribuição fomentado outras tentativas de sistematização da disciplina. No entanto, como a esquematização proposta por Holmes remonta à década de 1970, alguns avanços ainda estavam por acontecer, conforme explicam Pagano e Vasconcellos (2003):

Cumprir lembrar, entretanto, que a proposta de Holmes foi feita na década de 1970, quando avanços nas diferentes áreas de conhecimento ainda não

tenham ocorrido, incluindo-se os avanços tecnológicos e as ferramentas e possibilidades de pesquisa por eles gerados. Lembre-se, também, a não inclusão dos chamados estudos intersemióticos, e, igualmente, de outros desdobramentos como, por exemplo, estudos de legendagem e outros recursos do ambiente da mídia (dublagem, *voice over*, etc.), que, posteriormente, virão a ser incorporados no que se entende como pesquisa em tradução. Ainda outras dimensões interdisciplinares foram negligenciadas (interfaces com disciplinas afins, tais como Antropologia, Historiografia, Psicologia Cognitiva, e Estudos Culturais). Na verdade, as várias metodologias e arcabouços teóricos tomados emprestados de outras disciplinas vêm sendo adaptados para atender às necessidades específicas dos estudiosos da tradução, o que torna estes espaços interdisciplinares partes integrantes dos Estudos da Tradução. (PAGANO E VASCONCELLOS, 2003)

As autoras apresentam uma sistematização baseada no mapa proposto por Holmes, resultante de seu estudo a respeito das pesquisas em Estudos da Tradução realizadas no Brasil, entre as décadas de 1980 e 1990. O mapeamento elaborado pelas pesquisadoras provê uma perspectiva mais atual dos Estudos da Tradução, além de contemplar os novos desdobramentos que emergiram no contexto brasileiro, de acordo com a FIG. 2:

FIGURA 2: Mapa dos Estudos da Tradução baseado em Holmes



(cf. Pagano e Vasconcellos, 2003)

Importa destacar que no mapeamento ilustrado pela FIG. 2, diferentemente do anterior, já é possível visualizar nos Estudos Teóricos Gerais, a inclusão de um marco teórico próprio dos Estudos da Tradução, em que estão incluídos os modelos de tradução de Aubert, as reflexões no âmbito da crítica e da história da tradução de Berman, a teoria funcionalista de Vermeer, Reiss e Nord, as teorias dos estudos descritivos da Tradução propostas por Toury, Even-Zohar, as reflexões de Snell-Hornby sobre a dominação da língua inglesa no contexto do discurso global e as ponderações de Walter Benjamin às traduções de poesia.

Ainda em relação à sistematização apresentada na FIG. 2, além de melhor detalhar alguns subsistemas teóricos e parciais, incluem-se os Estudos Intersemióticos (os quais se concentram nas adaptações de textos literários ao teatro, por exemplo), em contrapartida aos estudos Interlinguais. Segundo essa diagramação, esta pesquisa se localizaria dentro dos Estudos Interlinguais, puros, descritivos e baseados em *corpus*.

No entanto, se partirmos das conceituações de Mathiessen (2001, p. 51) e Plaza (2003) que, baseados em Jakobson (1959), ampliam o conceito de tradução no sentido de contemplar, inclusive, atividades cognitivas como pensar, olhar e ouvir e suas respectivas traduções para o signo linguístico (ou outro sistema de signos), temos, então, que diferentes discursos a respeito da mesma prática social envolvem processos necessariamente intersemióticos. Sendo assim, o quadro proposto pelas autoras já necessita de uma revisão, haja vista que a divisão entre estudos intersemióticos x interlinguais não parece fazer-se necessária.

Outra publicação que sugere uma organização dos Estudos da Tradução como disciplina e que pode ser vista como um manual é *Introducing Translation Studies* de Munday, obra na qual afirma:

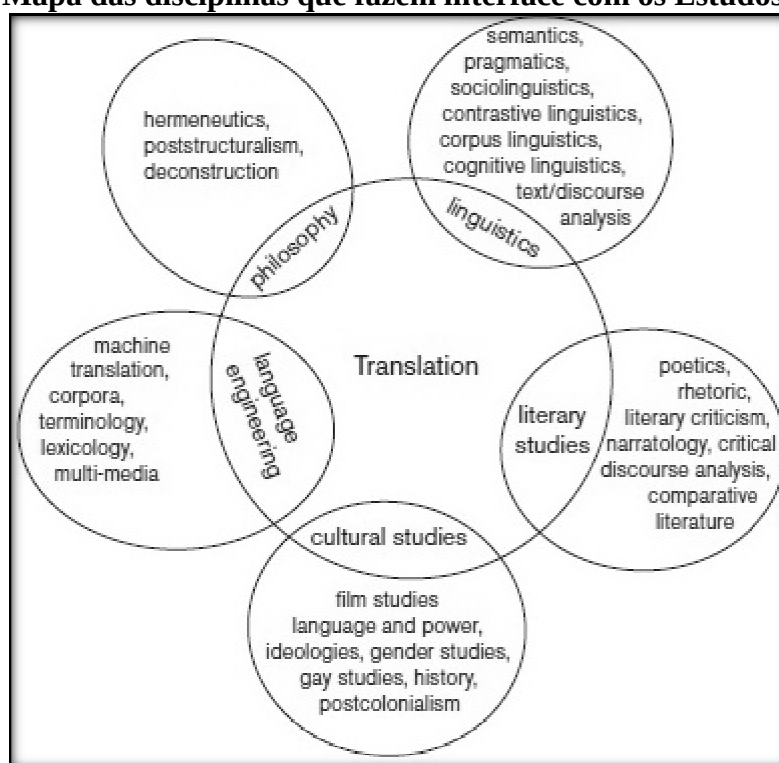
Os Estudos da Tradução são uma nova disciplina acadêmica relacionada ao estudo da teoria e dos fenômenos da tradução. Por sua natureza, é multilíngue e também interdisciplinar, abrangendo línguas, linguística, estudos de comunicação e uma variedade de tipos de estudos culturais.⁷ (MUNDAY, 2001, p. 1).

⁷ Tradução nossa de “Translation studies is a new academic discipline related to the study of the theory and phenomena of translation. By its nature it is multilingual and also interdisciplinary, encompassing languages, linguistics, communication studies and a range of types of cultural studies.”

Nessa obra, o autor faz um panorama dos Estudos da Tradução, observando conceito de “tradução” e de “efeito equivalente”, passando por uma contextualização histórica e segmentando-o em abordagens, dentre as quais se destacam as abordagens funcionais, abordagens linguísticas, abordagens discursivas, abordagens sistêmicas, estudos culturais e abordagens filosóficas.

Em *Translation* (HATIM e MUNDAY, 2004), os autores propõem uma nova tentativa de mapeamento para os Estudos da Tradução:

FIGURA 3: Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução



(cf. Hatim e Munday, 2004, p. 8).

O diagrama apresentado na FIG. 3 chama a atenção para o caráter multidisciplinar dos Estudos da Tradução: importa observar sua interface com os Estudos Literários, com os Estudos Culturais, com a Engenharia da Linguagem, com a Filosofia e com a Linguística e, a partir desta, com estudos de Semântica, Pragmática, Sociolinguística, Linguística Contrastiva, Linguística de *Corpus*, Linguística Cognitiva e com as análises Textuais e Discursivas.

Sendo assim, tomando por base este mapeamento, esta pesquisa se situa na fronteira dos Estudos da Tradução com a Linguística, com os Estudos Literários, com os Estudos Culturais e com a Engenharia da Linguagem, uma vez que trata de uma análise

textual/discursiva de um *corpus* composto por textos de produção multilíngue, enfatizando as relações de poder que subjazem à estrutura discursivas. A respeito das análises textuais/discursivas, Munday (2001, p. 89) afirma:

[...] enquanto análises textuais normalmente se concentram em descrever a forma através da qual os textos se organizam (estrutura oracional, coesão, etc.), as análises discursivas olham como a linguagem constrói sentido e relações sociais e de poder.⁸ (MUNDAY, 2001, p. 89)

Entre as diversas ferramentas de análise discursiva, Munday (2001) enfatiza aquelas baseadas na LSF⁹, explicando que:

O modelo de análise do discurso de Halliday, baseado no que ele denomina de Gramática Sistemico Funcional, é orientado para o estudo das línguas enquanto comunicação, relacionando sentido às escolhas linguísticas do autor [e do tradutor], e sistematicamente relaciona essas escolhas a um quadro sócio cultural mais amplo” (MUNDAY, 2001, p. 90).¹⁰

A LSF como ferramenta para a pesquisa nos Estudos da Tradução tem demonstrado ser produtiva e consistente, pois parte da compreensão da linguagem como forma de interação social, como um sistema dentro do qual o usuário, autor ou tradutor, produz significados intrinsecamente relacionados às suas escolhas linguísticas no momento da produção textual. Além de apontar similaridades e diferenças entre textos em relação tradutória, a LSF compreende que diferentes escolhas quando da produção textual implicam necessariamente diferentes efeitos de sentido, e aí reside sua importância para análises nos Estudos da Tradução.

⁸ Tradução nossa de “(...) while text analysis normally concentrates in describing the way in which texts are organized (sentence structure, cohesion, etc.), discourse analysis looks at the way languages communicate meaning and social and power relations.”. Ênfase nossa.

⁹ Para citar algumas, o autor aponta o modelo de avaliação da qualidade da tradução de House (1997), as análises no nível textual e pragmático de Baker (1992) e os trabalhos de Hatim e Mason (1997) sobre o nível semiótico do contexto e do discurso.

¹⁰ Tradução nossa de “ Halliday’s model of discourse analysis, based on what he terms systemic functional grammar is geared to the study of languages as communication, seeing meaning in the writer’s linguistic choices and systematically relating these choices to a wider sociocultural framework”.

Jesus (2012) e Assis (2012) apresentam mapeamentos¹¹ de pesquisas no âmbito nacional que se situam na interface entre os Estudos da Tradução e a LSF, observando que tais pesquisas incorporam não apenas a LSF, mas também teorias derivadas desta. Entre essas teorias, estão a Teoria da Avaliatividade proposta por Martin e White (2005) e utilizada nas pesquisas de Alves e Cabral (2011), Silva (2012) e Rodrigues-Júnior e Barbara (2013); e a Teoria de Representação de Atores Sociais de van Leeuwen (1997), que serve de arcabouço teórico para Bueno (2011) e Assis (2012), entre outros.

Ao concebermos a Teoria de Representação de Atores Sociais como um modelo de análise fértil tanto nos Estudos da Tradução, quanto nas pesquisas de cunho textual/discursivo fora dos ET, podemos afirmar que esta pesquisa se insere na interface dos Estudos da Tradução/Representação de Atores Sociais. Contudo, uma vez que realizamos uma investigação em *corpus*, torna-se necessário adotar uma metodologia que contemple esse tipo de análise. Desse modo, para esta investigação, utilizamos alguns pressupostos da Linguística de *Corpus*, os quais serão apresentados nas seções seguintes juntamente com a Teoria de Representação de Atores Sociais e suas aplicações.

1.2 A REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS - RAS

Como mencionado anteriormente, dentre as diferentes correntes teóricas que se baseiam na LSF, destaca-se para este trabalho a Teoria de Representação de Atores Sociais desenvolvida por Theo van Leeuwen em sua tese de doutoramento apresentada em 1993. Em linhas gerais, o estudo da Representação de Atores Sociais investiga como os participantes das práticas sociais são representados no discurso. Além da Representação de Atores Sociais, o autor também desenvolve em sua tese uma teoria para Representação de Ações Sociais que, analogamente, trata do estudo das formas através das quais as práticas sociais podem ser representadas no discurso.

Ao fazer uma aplicação prática de suas categorias, van Leeuwen (1996) analisa o artigo “Our race odyssey”, publicado no *Sydney Morning Herald*, jornal de

¹¹ No contexto nacional, Vasconcellos e Pagano (2005) apresentam um dos primeiros mapeamentos dos Estudos da Tradução no Brasil, destacando pesquisas entre as décadas de 1980 e 1990.

grande circulação na Austrália. O texto é uma representação da prática social de imigração como institucionalizada naquele país, bem como de outras práticas que servem para legitimá-la ou deslegitimá-la, como, por exemplo, as práticas de elaboração de relatórios governamentais ou a elaboração de pesquisas de opinião pública sobre imigração.

Neste trabalho, baseamo-nos em van Leeuwen (1996) – artigo publicado no periódico *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis* –, bem como em van Leeuwen (2008), livro intitulado *Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis*, que reúne e atualiza a maioria dos trabalhos de van Leeuwen na área de Análise Crítica do Discurso. Outra obra que alicerça esta pesquisa é *Representação Social em Corpus de Tradução em Mídia*, organizada pela professora Célia Maria Magalhães (2013) e que reúne pesquisas na interface nos Estudos da Tradução e da Representação Social.

Considerando que van Leeuwen insere seu trabalho na área da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), faz-se necessário apresentar do que trata a referida disciplina, bem como algumas concepções que norteiam esta área. Não temos, contudo, intenções de fazer uma explicação detalhada a respeito da referida teoria, nem tampouco de esgotar as discussões sobre esses temas dentro da disciplina¹².

A ACD concebe a linguagem como prática social e considera o contexto de uso da linguagem como elemento crucial (WODAK, 2004). Nesse sentido, o discurso é entendido como uso da linguagem. Segundo Wodak (2004), o principal interesse da ACD reside nas relações entre linguagem, sociedade, ideologia e poder, enfocando as maneiras através das quais as formas linguísticas são usadas com finalidade de manipulação do poder. A respeito da relação entre discurso e poder, a autora pondera:

[...] a linguagem classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio ao poder. O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo. A linguagem constitui

¹² Para uma visão um pouco mais detalhada da ACD, sugerimos, entre outros, Fairclough (1989, 1995, 2001), van Dijk (2003, 2012) e o artigo de Wodak (2004) na íntegra, no qual a autora faz uma retrospectiva da história da ACD, define suas principais premissas e aponta questões e perspectivas ainda em aberto dentro da referida disciplina.

um meio articulado com precisão para construir diferenças de poder nas estruturas sociais hierárquicas. (WODAK, 2004, p. 237)

Para Fairclough (1989), discurso é uma prática socialmente condicionada e, por essa razão, a linguagem é parte intrínseca da sociedade. Para o autor, as contribuições trazidas pelos estudos críticos da linguagem residem na “emancipação daqueles dominados e oprimidos na sociedade”. Ao discorrer a respeito dos três aspectos dos efeitos construtivos do discurso, Fairclough (2001, p. 91) afirma:

O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’ [...]. Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim como Wodak (2004), Fairclough (2001, p. 92) ressalta a importância de se considerar a relação dialética entre discurso e estrutura social para se evitarem erros de “ênfase indevida” ao pensar o discurso ora como sendo um simples reflexo da realidade social mais profunda, ora como sendo a fonte do social.

Apesar de se direcionar para o estudo da ideologia, Van Dijk (2000, p. 88) discorre sobre o discurso. Para ele,

o discurso é a mais crucial das práticas sociais e a única capaz de expressar diretamente e, conseqüentemente, transmitir ideologias. A teoria da ideologia sem a teoria do discurso torna-se fundamentalmente incompleta. Ao mesmo tempo, para se entender o papel do discurso na sociedade, é preciso também conhecer o seu papel fundamental na reprodução de representações sociais no geral, particularmente de ideologias.¹³ (VAN DIJK, 2000, p. 88).

Diferentemente de van Dijk (2000), que entende discurso como sendo o texto perpassado por ideologias, van Leeuwen (2008, p. 6) não se utiliza do conceito de

¹³ Tradução nossa de “Discourse is the most crucial of these social practices, and the only one that is able to directly express and hence convey ideologies. A theory of ideology without a theory of discourse is therefore fundamentally incomplete. And conversely, to understand the role of discourse in society, we also need to know their fundamental role in the reproduction of social representations in general, and of ideologies in particular”.

texto (falado ou escrito) para definir *discurso*, mas apresenta uma perspectiva foucaultiana de discursos como cognições sociais, que podem ser usados como recurso para representar textualmente as práticas sociais. Isso implica a possibilidade de reconstrução dos discursos a partir dos textos que os materializam. Nesse sentido, os discursos não apenas representam os acontecimentos, mas também os avaliam, atribuem propósitos a eles e os justificam. Em muitos textos, esses aspectos da representação se tornam mais importantes do que a própria representação da prática social.

Ainda na perspectiva de van Leeuwen, todo discurso necessariamente recontextualiza práticas sociais. O autor enfatiza a diferença entre *prática social* e *recontextualização de uma prática social*. Sobre isso, o autor complementa: “Insisto na diferença entre ‘fazer algo’ e ‘falar sobre aquilo que se fez’ e na pluralidade de discursos – as diferentes formas de representação da mesma prática social.”¹⁴ (2008, p. 6).

Diante da explicação de van Leeuwen a respeito do que ele considera como sendo a prática social propriamente dita e do que ele denomina como a recontextualização da prática social, reafirma-se a relevância do objeto de estudo desta pesquisa, haja vista que são investigadas diferentes recontextualizações de uma mesma prática social. Em outras palavras, são analisadas diferentes textualizações do mesmo fenômeno. Esta análise, além de fornecer pistas acerca dos discursos envolvidos quando da recontextualização da prática social, aponta quais elementos linguísticos realizam no texto esses discursos.

Na teoria utilizada nesta pesquisa como principal ferramenta de análise, van Leeuwen (1996) apresenta um inventário das formas através das quais os atores sociais podem ser representados no discurso. O autor ainda ressalta que, diferentemente de outras modalidades de Análise Crítica do Discurso orientadas pela LSF, sua teoria parte das formas como os atores sociais estão representados, para, posteriormente, relacioná-las às realizações linguísticas, realçando, assim, a relevância sociológica e crítica de suas categorias.

¹⁴ Tradução nossa de “I will insist on the difference between “doing it” and “talking about it”, and on the plurality of discourses – the many different possible ways that the same social practice can be represented”.

A opção por esta corrente teórica deve-se tanto à sua abrangência na apresentação dos modos como os participantes podem ser representados por meio da linguagem (categorias sociossemânticas), quanto por estar se consolidando como ferramenta de análise de textos em relação tradutória, tendo sido utilizada nos trabalhos de Assis (2009), Bueno (2011), Novais (2013) e Oliveira (2014), dos quais faremos uma apresentação mais detalhada mais adiante. Sobre a Teoria de Representação de Atores Sociais, Wodak (2004, p. 233) afirma:

Theo van Leeuwen realizou trabalhos pioneiros sobre a interação entre o verbal e o visual nos textos e no discurso [...]. Devemos também mencionar a extremamente relevante ‘análise de atores sociais’ realizada por van Leeuwen (1996), que consiste em uma forma sistemática de analisar os protagonistas e seus papéis semânticos em discursos de vários gêneros.

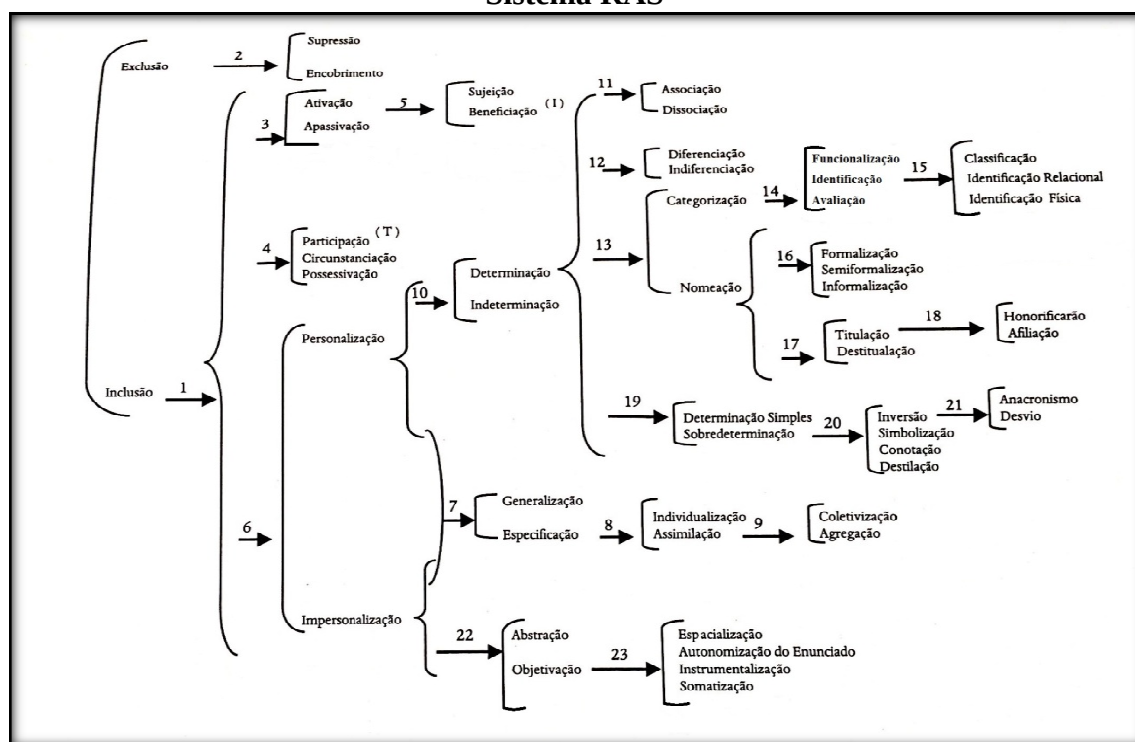
Em van Leeuwen (2008, p. 23), são apresentadas duas justificativas para seu estudo. Uma delas é a falta de biunicidade da língua. Ou seja, a língua se realiza de formas diferentes se levarmos em consideração os contextos sociológico e linguístico. Um exemplo disso é o fato de a agência sociológica nem sempre se realizar pela agência linguística.

De acordo com van Leeuwen (ibid., p. 24), Halliday compreende a falta de biunicidade linguística e sociológica da língua à luz de sua teoria sobre metáfora gramatical, afirmando que algumas realizações linguísticas são congruentes (literais) ou incongruentes com a realidade (metáforas). No entanto, para van Leeuwen (1996) as realizações linguísticas no geral, sejam elas metáforas ou não, são sempre maneiras pelas quais podemos nos referir aos atores sociais, isto é, são formas dotadas de uma significação sociossemântica própria e de uma consequente repercussão social.

A outra justificativa de seu estudo decorre de sua premissa de que o significado é inerente à cultura e não à língua. Isso significa que o significado não pode ser correlacionado a um sistema semiótico específico. Por esta razão, as categorias por ele propostas devem ser consideradas pan-semióticas: cada cultura tem sua forma de representar o mundo social, da mesma forma que tem também sua forma de representar as diferentes semioses, determinando com maior ou menor rigor a forma através da qual isso ou aquilo pode ser representado.

Para uma melhor visualização da explicação sobre o sistema RAS, faz-se necessário apresentar sua sistematização conforme proposto por van Leeuwen (1996).¹⁵ Nosso objetivo é tão somente o de detalhar o sistema RAS para demonstrar o grau de especificidade de suas categorias.¹⁶

FIGURA 4: Categorias sociossemânticas de representação de atores sociais – Sistema RAS



(cf. Assis, 2009, p. 46)

Primeiramente, o referido inventário se biparte em dois sistemas: Exclusão e Inclusão, dos quais derivam todos os outros subssistemas. Por exemplo, a Exclusão apresenta os subssistemas Supressão e o Encobrimento, ambos realizados no discurso por elementos linguísticos específicos. Já a Inclusão se segmenta em outros subssistemas, como Ativação e Apassivação; Participação, Circunstanciação e Possessivação; Personalização e Impersonalização, cada um deles com respectivas subdivisões, como é possível observar na FIG. 4, reproduzida a partir de Assis (2009, p. 46).

¹⁵ A apresentação do sistema RAS foi adaptada e baseada na apresentação feita por Novais (2013).

¹⁶ Para maior detalhamento e acesso a exemplos em português, sugerimos o capítulo sobre a Representação de Atores Sociais em van Leeuwen (1997).

Ressaltamos que, para a leitura de sistemas, Martin (1987, citado por Assis, 2009) esclarece que os traços (*features*) entre chaves devem ser lidos como escolhas cosseleccionadas [A e B e C]; os que aparecem entre colchetes são escolhas excludentes [ou A ou B ou C]. (I) e (T) são notações indicativas de restrições e são abreviaturas de *if* [se] / *then* [então], ou seja, se [A] é selecionado, então [B] deve ser selecionado também.

Começando pela **Exclusão**, verifica-se que ela pode acontecer de duas formas: como **Supressão** ou como **Encobrimento**. A Supressão pode ser mais radical quando ocorre uma exclusão tanto do atores sociais, quanto de suas ações, não havendo quaisquer referências à existência desses atores ao longo do texto. Esse tipo de exclusão, por não deixar marcas linguísticas, só pode ser evidenciada quando se comparam diferentes representações (textos) sobre a mesma prática social, tendo um papel importante nas análises comparativas (VAN LEEUWEN 2008, p. 29). A Supressão também pode ocorrer quando há a referência a uma ação e, mesmo que seja possível inferir que um indivíduo, empresa ou instituição esteja relacionada àquela ação, não é possível se recuperar o ator social diretamente envolvido, haja vista que não há vestígios sobre sua identidade ao longo do texto. A Supressão pode se realizar linguisticamente através do apagamento do agente da passiva, orações infinitivas funcionando como participante gramatical, subordinação do processo, apagamento do beneficiário, nominalizações e nomes de processo sem a utilização de sintagmas pós-modificadores, processos realizados através de adjetivos, codificação da atividade em voz média, entre outras. Os exemplos a seguir apresentam a Supressão possível de ser identificada ao se analisar apenas um texto:

Exemplo (1): “A maior parte do conteúdo de sites do governo de São Paulo e de empresas estatais está **sendo retirada** do ar desde sexta-feira (4). (*Portal R7*, 5 de julho de 2014)¹⁷”

Exemplo (2): “A Coordenadoria Municipal de Defesa Civil informou que **a demolição** do viaduto dos Guarapés, que desabou na última quinta-feira, 3, na avenida Pedro I, na capital mineira, pode começar ainda neste sábado, 5. (*Estadão*, 5 de julho de 2014)¹⁸”

¹⁷ Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/governo-alckmin-enxuga-sites-oficiais-para-evitar-propaganda-eleitoral-05072014> Acesso em 5 de julho de 2014.

¹⁸ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,demolicao-de-viaduto-em-bh-pode-comencar-neste-sabado,1524098> Acesso em 5 de julho de 2014.

Os dois exemplos apresentados são de Supressão: o primeiro realizado por apagamento do agente da passiva e o segundo por nominalização, marcados em negrito para facilitar a identificação. No Exemplo 1, os atores sociais responsáveis por tirar do ar o conteúdo dos sites do governo de São Paulo e das empresas estatais não estão incluídos no texto, mas podem ser recuperados pelo leitor mediante algum conhecimento prévio acerca do sistema eleitoral brasileiro, do quadro de servidores estatais, isto é, da prática social em questão. No Exemplo 2, os atores sociais que realizarão a demolição não foram incluídos, nem há no texto qualquer referência a quem (indivíduo ou empresa) fará esse trabalho.

Em se tratando do **Encobrimento**, a exclusão é menos radical. Os atores sociais podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas são mencionados ao longo do texto, possibilitando ao leitor do texto fazer inferências a respeito de quem são. Realiza-se através de elipses em orações infinitivas e coordenadas, nominalizações e pronominalização. Apesar de esta última poder ser considerada como um “recurso coesivo relativamente neutro” (VAN LEEUWEN 1993, p. 102), o autor argumenta que ela tem um papel relevante na representação dos atores sociais, uma vez que reduz o número de vezes em que se faz uma referência explícita ao participante (VAN LEEUWEN, 2008, p 31).

No que tange à Exclusão, questiona-se se os atores sociais suprimidos deveriam ou não ser recuperáveis por aqueles que lêem os textos. Por vezes, o Encobrimento acontece porque se presume que os leitores do texto em questão já sabem a respeito de quem (ou de que grupo) se está tratando, de modo a tornar redundante qualquer referência adicional sobre o ator social em questão. Questionam-se, por outro lado, as razões pelas quais se bloqueia o acesso a esse conhecimento pormenorizado, ainda que redundante. A despeito das razões para a Exclusão, estatisticamente, ambos os tipos de exclusão reduzem quantidade de vezes em que determinado ator social é explicitamente referido no texto.

Conforme explicado na Introdução deste texto, Baker (1992, p. 183) afirma que na língua portuguesa a coesão textual se estabelece principalmente por meio de mecanismos lexicais (como a repetição lexical, sinonímia, hiperonímia), enquanto na língua inglesa, a coesão textual acontece principalmente através de mecanismos gramaticais (como a pronominalização). Essa informação se torna relevante quando

examinada em conjunto com o sistema RAS pelo fato de que, de acordo com o sistema, os mecanismos gramaticais são considerados como Exclusão. Isso significa, a princípio, que a língua inglesa tende a Excluir os atores sociais das representações.

Quanto à **Inclusão**, verifica-se que ela ocorre quando os atores sociais são referidos no discurso e realizados linguisticamente. Eles são, simultaneamente, ativados (**Ativação**) ou apassivados (**Apassivação**); personalizados (**Personalização**) ou impersonalizados (**Impersonalização**), e genericizados (**Genericização**) ou especificados (**Especificação**). Nesse sentido, o autor afirma que as representações podem redistribuir papéis e organizar relações sociais entre os participantes.

A **Ativação** ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas. Gramaticalmente, isso acontece quando o ator social é codificado como o Ator, o Comportante, o Experienciador e o Atribuidor, a depender do Processo e da estrutura de transitividade em questão. Quando a ativação acontece por **Participação**, o papel ativo do ator social fica mais destacado. Já através da **Circunstanciamento** e da **Possessivação**, a ativação ocorre pela adição de circunstâncias preposicionais e de uso de pronome possessivo, respectivamente.

A **Apassivação** ocorre quando os atores sociais são representados com papéis pacientes, sendo alvo de atividade (sujeitado) ou sendo receptores (beneficiários) dela. Quando o ator social apassivado é alvo de uma atividade, ele é tratado na representação como objeto. A **Sujeição** acontece por participação (quando o ator social apassivado é Meta num Processo Material, Portador num processo atributivo efetivo ou Fenômeno num Processo Mental), por circunstanciamento (através de sintagma preposicional) ou por possessivação (sob forma de sintagma preposicional pós-modificado). Na **Beneficiação** o ator social se beneficia positiva ou negativamente da ação. Ela ocorre somente por participação (o ator social é Receptor ou Cliente num processo Material, ou Destinatário em um Processo Verbal).

O sistema RAS proposto por van Leeuwen (1996) foi expandido em Assis (2009)¹⁹, entretanto, não iremos resenhar essa expansão, pois ela não se aplica ao *corpus* desta pesquisa por se tratar especificamente do sistema de ativação e apassivação. Assis

¹⁹ Para mais informações sobre a ampliação feita por Assis (2009) ao inventário para representação de atores sociais, ver capítulo do referido autor no livro *Representação Social em Corpus de Tradução e Mídia* (2013).

(2009) apresenta o subsistema de **Sistemização** para incluir realizações em que os atores sociais não são nem ativados, nem apassivados, como em orações relacionais ou realizações interpessoais, ou como o uso de vocativos. Neste trabalho, fazemos um recorte, de modo a enfocar o sistema de Exclusão e os subssistemas de personalização e impersonalização.

No que tange à **Personalização** e a **Impersonalização**, cujos exemplos serão apresentados no QUADRO 1 (p. 37), os atores sociais podem ser linguisticamente genericizados (**Genericização**), utilizando-se o plural sem artigo, artigo definido ou indefinido e associando-se o tempo verbal a uma série de outros fatores, ou especificados (**Especificação**). Quando são especificados, pode acontecer a **Individualização** (realizando-se através da singularidade) ou a **Assimilação** (realizada linguisticamente através da pluralidade, de um substantivo contável ou de substantivo que denote um grupo de pessoas). Ainda dentro da **Assimilação**, os atores sociais podem ser agregados (**Agregação**) pela presença de um quantificador definido ou indefinido (que funciona como numerativo ou como núcleo do grupo nominal) ou coletivizados (**Coletivização**), quando se utiliza a primeira pessoa do plural ou por termos que sugerem um grupo de pessoas com interesses em comum.

Quando acontece a personalização, os atores sociais podem ser também indeterminados (**Indeterminação**) ou determinados (**Determinação**). No primeiro caso, os atores sociais são representados como indivíduo ou grupo de indivíduos anônimos, não identificáveis. Realiza-se tipicamente através de pronomes indefinidos ou substantivos que não realçam características únicas do ator social, tornando-o desprovido de peculiaridades. Pode realizar-se também como uma referência exofórica generalizada, atribuindo aos atores sociais um tipo de autoridade impessoal. Em decorrência do processo de anotação do *corpus*, surgiu a necessidade de mencionarmos outro elemento linguístico que também realiza a Indeterminação do ator social, qual seja, os substantivos que contenham o traço <+humano> <-indivíduo>, tais como *pessoas, grupo, multidão, povo*.

Já em se tratando da determinação, a representação dos atores sociais pode ser através da **Associação** (agrupados, mas nunca classificados no texto – pretendem contrapor outro grupo do texto) ou da **Dissociação** (quando a associação de outrora se desfaz no desenrolar do texto); da **Indiferenciação** ou da **Diferenciação** (diferenciando

um ator social ou um grupo de atores sociais de um ator ou grupo semelhante, criando o “eu” e o “outro”); pela **Nomeação** (em termos de identidade) ou da **Categorização** (em termos de identidade e de funções que compartilham com os outros); e pela **Determinação** (participação em uma prática social) ou **Sobredeterminação** (participação em mais de uma prática social).

Essa última ocorre quando os atores sociais são representados como participantes em mais de uma prática social simultaneamente. Há quatro grandes grupos de **Sobredeterminação**: a **Destilação** (liga atores sociais a várias práticas sociais, focando a mesma característica dos atores sociais envolvidos nessas práticas); a **Simbolização** (ocorre quando atores sociais ficcionais representam atores em práticas sociais não ficcionais); **Conotação** (ocorre quando uma determinação corresponde a uma outra determinação, sendo uma associação não necessariamente consciente); e a **Inversão** (os atores participam de duas práticas que, de certa forma, se opõem uma à outra, como forma de legitimar as práticas através dos textos). Essa última é comumente realizada pelo **Anacronismo** (os atores sociais são projetados no futuro ou em outro planeta para dizer coisas que não podem ser ditas diretamente) e pelo **Desvio** (os atores sociais envolvidos na atividade são representados por meio de referência a atores sociais não qualificados a desempenhar tais atividades, esses últimos normalmente fadados ao fracasso, de modo a confirmar a norma diante daqueles que se desviam).

A **Nomeação** realiza-se através de nomes próprios e pode ser **Formal** (apenas o sobrenome), **Semi-formal** (nome e sobrenome) ou **Informal** (apenas o primeiro nome). Pode acontecer também a ocultação do nome, substituindo-o por letras ou números, de modo que a nomeação tenha significado, mas o nome seja ocultado. As nomeações podem ser usadas como vocativos e podem vir acompanhadas por um pronome possessivo para expressar afetividade ou domínio. Outros recursos que não os nomes próprios podem funcionar para a nomeação em determinados contextos em que apenas o ator social desempenha determinada função ou ocupa uma certa posição, como por exemplo: O Gigante, O Coelho, etc. As nomeações também podem ser **Destituladas** ou **Tituladas** ora sob forma de **Honorificação**, ora sob forma de **Afiliação**.

Na **Categorização**, os atores sociais são categorizados em termos de sua própria identidade ou da função que desempenham em relação aos outros. Ela pode ocorrer de três formas: **Funcionalização**, **Identificação** ou **Avaliação**. Na primeira, a

representação se faz em termos de uma ocupação ou função, realizando-se tipicamente através de um substantivo advindo de um verbo, de um substantivo advindo de outro substantivo ou de um substantivo que denote o local ou instrumento diretamente associado à atividade realizada. Na **Identificação**, os atores sociais não são definidos em termos do que fazem, mas em termos do que, mais ou menos permanentemente ou inevitavelmente, são. Pode acontecer pelas seguintes formas: **Classificação** (sexo, origem e idade), **Identificação relacional** (relação pessoal, de parentesco ou de trabalho entre os atores sociais – amigo, tia colega, sendo possessivados ou não) ou **Identificação física** (características físicas que os identificam singularmente num dado contexto). Na **Avaliação**, os atores sociais são referidos em termos que os qualificam como bons ou maus, amados ou odiados, bonitos ou feios, em português, frequentemente com o uso de diminutivo ou aumentativo.

A **Impersonalização** ocorre quando a representação confere aos atores sociais traços <⁽⁻⁾ humano>. São frequentemente representados através de substantivos abstratos, substantivos concretos que não incluem traços humanos e é dividida em dois grupos: a **Abstração** e a **Objetivação**. A primeira diz respeito a quando os atores sociais são representados por meio de uma qualidade que lhes é atribuída pela própria representação. A segunda, a objetivação, ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma referência metonímica, podendo ser realizada das seguintes formas: **Espacialização** (referência ao lugar onde estão os atores sociais); **Autonomização do enunciado** (ator social representado por uma referência ao seu enunciado); **Instrumentalização** (representação pelos instrumentos que utilizam para realizar a atividade a que estão ligados); **Somatização** (atores sociais representados por meio de uma referência a uma parte de seu corpo). Assis (2009), ao ampliar o sistema RAS, incluiu a **Institucionalização**, a partir da qual os atores sociais são representados por meio das instituições a que pertencem.

Conforme van Leeuwen (2008, p. 53) enfatiza, o sistema RAS envolve três tipos de transformação: deleção (nos sistemas 1 e 2), rearranjos (nos sistemas 3-5) e substituição (sistemas 6-23), com cada tipo de transformação envolvendo sistemas linguísticos distintos. Grosso modo, as seções 7-12, 13-18, 19-23, envolvem, respectivamente, referência, léxico e metáfora.

Considerando que esta pesquisa investiga as formas através das quais são representados em discursos jornalísticos os atores sociais envolvidos nas Manifestações acontecidas no Brasil em junho de 2013, restringiremos nosso foco de investigação às deleções (para averiguar quão excluídos foram os atores sociais) e às substituições (que envolvem o léxico e as metáforas). Assim sendo, enfocaremos o sistema de Exclusão e Inclusão e, neste último, os subssistemas de Personalização (subcategorias 13-18) e de Impersonalização (subcategorias 19-23).

No QUADRO 1, serão apresentadas as subcategorias de Personalização e Impersonalização acima descritas, seguidas de sua descrição e exemplificação. Os exemplos foram retirados do *corpus* de Assis (2009), haja vista que não foram encontrados exemplos de todas as subcategorias no *corpus* desta pesquisa:

QUADRO 1: Subcategorias de Personalização e Impersonalização

Categoria	Descrição²⁰	Exemplo
Nomeação (13) Categorização (13)	O ator social é referido por um nome próprio. Os atores sociais são representados por meio das atividades e funções partilhados com outros. (ver 14 e 15, abaixo)	“Kurtz descobrira montes de aldeias...”
Identificação (14) Funcionalização (14) Avaliação (14)	O ator social é definido por sua identidade permanente, pelo que ele é. (ver 15, abaixo) Um ator social é referido através de um substantivo ou grupo nominal referente a um papel ou atividade institucional O ator social é avaliado na e pela representação.	“Três carregadores poderiam ter trazido tudo de que eu precisava (...)” Positivamente dançava, o sanguinário e feroso miseravelzinho.”
Classificação (15) Identificação Relacional (15) Identificação Física (15)	Um ator social representado através de uma categoria que não se refere a uma atividade (Ex.: idade, gênero, raça, classe, nacionalidade). O ator social é representado por suas relações familiares e de amizade. O ator social é representado por suas características físicas.	“Assim, surrou impiedosamente o negro...” “(...) ele e seus amigos deviam estar com muita fome” “O gordo deu um suspiro.”
Abstração (22)	O ator social é representado por uma qualidade conferida a ele na e pela própria representação.	“Uma hora mais tarde, encontrei a coisa toda esfrangalhada num matagal - homem, rede, grunhidos, mantas, horrores.”
Objetificação (23)	Representam-se os atores sociais através de uma referência a um local ou coisa que esteja diretamente associada à sua pessoa, ou às atividades e instituições a que estão ligados (referência metonímica). Realiza-se através de: a) Espacialização – referência ao local ao qual estão associados. b) Autonomização do enunciado – referência aos seus enunciados. c) Instrumentalização – referência ao instrumento com o qual o ator social empreende a atividade a que está ligado. d) Somatização – referência a uma parte do corpo e) Institucionalização - referência à instituição a que pertence o ator social.	“Toda a Europa contribuíra para a fabricação de Kurtz...” “Um clamor de lamentações modulado por dissonâncias selvagens encheu nossos ouvidos.” “Talvez, em alguma noite serena, a pulsação de tambores distantes (...) um som estranho, sedutor, sugestivo e selvagem - e com um significado tão profundo, talvez, quanto o repicar de sinos numa terra cristã.” “Dia após dia, o bater e arrastar de sessenta pares de pés descalços às minhas costas...” “Eu soubera que o noivado dela com Kurtz fora desaprovado pela sua família.”

²⁰ As descrições das categorias de representação foram retiradas de Assis (2009), p. 56.

A Teoria de Representação de Atores Sociais vem se consolidando como ferramenta de análises, conforme aponta Novodvorski (2008), no levantamento das aplicações desta teoria no contexto nacional e internacional²¹. No que tange aos Estudos da Tradução, além desta pesquisa, podemos apontar como exemplos da utilização do sistema RAS, os trabalhos de Assis (2009), Bueno (2011), Novais (2013) e Oliveira (2014).

Assis (2009), em sua tese intitulada *A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O Coração das Trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução* analisa as formas através das quais europeus e africanos são socialmente representados no romance *Heart of Darkness* e em duas de suas traduções para o português. As análises evidenciam que, ao passo que os europeus são principalmente personalizados pela Funcionalização, Nomeação e Classificação, os africanos são impersonalizados pela Somatização e Primitivização²², estando estas formas de representação intimamente relacionadas com o objetivo de desumanizar os africanos para legitimar sua subjugação.

Bueno (2011), em sua pesquisa de doutoramento intitulada *Chapeuzinho Vermelho e Caperucita Roja: uma investigação de reescritas com base na representação (visual) de atores sociais e na representação da ação social*, examina oito reescritas do conto de literatura infantil Chapeuzinho Vermelho/ Caperucita Roja em português brasileiro e espanhol argentino, observando a representação da protagonista e de suas ações sociais tanto nos textos verbais quanto nas ilustrações das capas, sob uma perspectiva multimodal da representação dos atores sociais. A autora evidencia diferentes padrões de inclusão e autonomia da Chapeuzinho Vermelho nas diferentes reescritas, oscilando entre uma personagem mais atuante e capaz de afetar espontaneamente outros seres, e uma personagem pouco atuante, sem autonomia e infantilizada.

Em *A representação de personagens infantis em contos de Saki e em suas traduções para o português brasileiro*, Novais (2013) investiga as formas através das quais foram representadas personagens infantis em contos de Saki e nas suas respectivas traduções para o português brasileiro. Os resultados indicam que as personagens

²¹ Oliveira (2014) atualiza esse levantamento.

²² Categoria desenvolvida em Assis (2009).

femininas são mais representadas através da Identificação Física e Relacional, que as restringem à esfera familiar e privada, enquanto as masculinas são representadas através da Nomeação e Funcionalização, que os representam na esfera pública, empoderando-os. Observa-se, ainda, uma maior ocorrência de realizações associadas às crianças no texto traduzido do que no texto original, indo ao encontro do que afirma Baker (1992, p. 183). Segundo a autora, a língua portuguesa dá preferência à coesão lexical, enquanto na língua inglesa prevalece a coesão gramatical.

Em *A representação de Jesus Cristo no Evangelho de João*, Oliveira (2014) pesquisa sobre a representação de Jesus como ator social no evangelho de João nos textos em português e em espanhol na Bíblia Trilíngue NVI. A análise demonstra uma maior personalização de Jesus nos textos em português do que em espanhol. Esta representação vai de encontro à esperada divinização (Impersonalização) e, segundo a autora, pode ser vista como estratégia narrativa de aproximação de Jesus com seus leitores, que passam a percebê-lo como um igual. A maior ocorrência de realizações associadas a Jesus no texto em português é atribuída a sistemas distintos de coesão.

Ressaltamos que, assim como este, tanto o trabalho de Bueno (2011), quanto o de Oliveira (2014) consistem em análises da representação de personagens em textos que não estão em relação tradutória no sentido estrito. No entanto, percebe-se que as pesquisas que têm como objetivo comparar diferentes sistemas linguísticos e semióticos no que tange tanto aos aspectos gramaticais e discursivos têm contribuído sobremaneira para os Estudos da Tradução pelo fato de ampliarem as perspectivas de análise dos objetos de estudo dessa disciplina, especialmente no que se refere às abordagens Textuais/Discursivas da Tradução.

1.2 A LINGUÍSTICA DE CORPUS

A presente pesquisa analisa um *corpus* comparável composto por textos jornalísticos escritos originalmente em língua portuguesa e inglesa. Ferramentas da Linguística de Corpus foram utilizadas para o levantamento dos dados, portanto, antes de prosseguirmos, vale uma breve apresentação desta área que vem subsidiando diversas pesquisas.

A Linguística de Corpus (doravante LC) é uma área da Linguística que se dedica à coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados textuais (textos ou transcrições de fala) armazenados em arquivos de computador (SARDINHA, 2006). A LC tem revolucionado a maneira como se analisa a linguagem, pois conta com ferramentas computacionais especialmente criadas para investigar uma grande quantidade de dados linguísticos, fornecendo ao linguista os meios para analisá-los nos mais diversos níveis.

Uma das principais definições dentro da LC é o próprio termo *corpus*. Para Sinclair (1991, citado por Sardinha, 2000, p.336), *corpus* é um corpo de linguagem autêntica que pode ser usado como base para pesquisa linguística. Perci *et al* (1996, citados por Sardinha, 2000, p. 336) definem *corpus* como sendo “uma coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos, a fim de serem usadas como uma amostra da linguagem”.

Já Tagnin (2004, p. 358) define *corpus* como sendo uma “coletânea de textos [naturais] entendidos num sentido amplo, em formato eletrônico, compilados segundo critérios específicos para o estudo a que se propõem”. Por textos naturais entende-se 'autênticos', isto é, aqueles que existem na linguagem e que não foram criados com o propósito de figurarem no *corpus*. Desta forma, está excluída a produção provinda de programas de geração de textos. Destacam-se da definição a necessidade de estar em formato eletrônico e a forma de compilação para atender a critérios específicos de um determinado estudo. Assim, para a LC, ao dizermos que trabalhamos com *corpus*, está implícita sua exploração automática ou semiautomática, bem como, descartam-se, por exemplo, textos não digitalizados ou os arquivos armazenados em computadores de forma aleatória.

Aplicando as definições aos Estudos da Tradução, Tagnin (2004, p. 358), entre outros autores, diferencia alguns tipos de *corpora*:

- *Corpus* comparável monolíngue: *corpus* composto por textos escritos originalmente numa determinada língua e por textos traduzidos para esta mesma língua. Tem por objetivo comparar a linguagem produzida por falantes nativos ou fluentes e por tradutores.
- *Corpus* comparável bi- ou multilíngue: *corpus* composto por dois ou mais *subcorpora* com textos originalmente escritos nas respectivas línguas.

- *Corpus* paralelo: *corpus* constituído de originais e suas respectivas traduções.

Segundo a definição proposta pela autora, a compilação utilizada neste trabalho é classificada como *corpus* comparável bilíngue no par linguístico português e inglês. Ressaltamos que, ao compararmos textos originalmente escritos em duas línguas diferentes sobre a mesma temática, estamos interessados nas maneiras como os sistemas linguísticos em questão textualizam determinada temática.

Um dos programas à disposição do analista é o concordanciador, que, na definição de Tagnin (2004), é um programa que extrai todas as ocorrências de uma palavra de busca num *corpus* juntamente com seu cotexto, apresentando-as na forma de linhas de concordância. Na realidade, o concordanciador é um conjunto de programas reunidos em um só. Conforme Sardinha (2006), o concordanciador

(...) permite fazer análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em *corpora*. Além disso, ele permite pré- processar os arquivos do *corpus* (retirar partes indesejadas de cada texto, organizar o conjunto de arquivos, inserir e remover etiquetas, etc.), antes da análise propriamente dita.” (SARDINHA, 2006, p. 6)

O concordanciador utilizado nesta pesquisa é o AntConc 3.2.4,²³ desenvolvido por Laurence Anthony, o qual permite, entre outras funções, explorar *corpora* cujos conteúdos foram anotados. Hunston (2002, citado por Assis, 2009) explica que anotação é o processo de acrescentar informações a um *corpus* com o objetivo de interpretá-lo linguisticamente com o auxílio de ferramentas eletrônicas. No entanto, o levantamento dos dados do *corpus* a partir do concordanciador é a fase final de um processo que se inicia na compilação dos textos que serão analisados.

Sardinha (2006, p. 112) explica que *tags* ou etiquetas são códigos de anotação do *corpus* que servem para muitas funções, como, por exemplo, identificação de classe de palavra, nomeação dos falantes, especificação de divisões do texto, etc. A metodologia da LC foi utilizada nesta pesquisa exatamente pelo fato de as etiquetas inseridas no *corpus* agruparem classificações quanto a uma série de parâmetros para um determinado item linguístico, de modo que o acesso a essa classificação foi facilitado

²³ <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>

pelas ferramentas eletrônicas de busca do AntConc, conforme apresentamos no capítulo seguinte.

Outro conceito da LC utilizado nesta pesquisa é o de *tokens* (itens) e *types* (forma), os quais dizem respeito ao tamanho do *corpus*. Para Sardinha (2004, p. 94):

- *Tokens* (itens): Número de itens (ou ocorrências) no texto.
- *Types* (formas): Número de formas (ou vocábulos) no texto.
- *Type/Token ratio* (razão forma/item): Expressa em porcentagem, é obtida dividindo-se o total de formas pelo total de itens. Informa a riqueza lexical do texto. Quanto maior o seu valor [da razão], mais palavras distintas o texto conterà. Por outro lado, quanto menor, maior será o número de repetições, o que pode indicar um texto menos rico no que tange ao vocabulário.

No capítulo seguinte, descreveremos o *corpus* e apresentaremos as etapas metodológicas seguidas nesta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – DESCRIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA

Este capítulo trata da descrição do *corpus* de pesquisa e da apresentação das etapas metodológicas. Na seção 2.1, apresentaremos uma descrição do *corpus* de análise. Na seção 2.2, apresentaremos os procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho, bem como apresentaremos as etiquetas elaboradas para anotação no *corpus* e os nós de busca.

2.1 - Descrição do *corpus*

Neste trabalho, investigaremos as formas de representação de Manifestantes e Agentes Públicos em textos jornalísticos escritos em português e em inglês. Os jornais de onde foram retirados os textos analisados são *The Chicago Tribune*, *The New York Times*, *The Guardian*, *Correio Braziliense*, *A Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*.

Escolhemos investigar as recontextualizações da prática social que ficou conhecida como “Manifestações” em decorrência da repercussão dentro e fora do Brasil e, especialmente, pelo fato de que alguns meios de comunicação internacionais terem criticado a forma como a imprensa brasileira fez a cobertura das manifestações, acusando-a de parcialidade.²⁴ A mídia brasileira foi acusada de caracterizar os manifestantes como vândalos e baderneiros²⁵ e de chamar o movimento de “marcha da insensatez”, pedindo à polícia que “retomasse” as principais avenidas do Brasil.

Os protestos no Brasil em 2013 ou “Manifestações dos 20 centavos”, também ficaram conhecidos como “Manifestações de Junho” ou “Jornadas de Junho”. Consistiram em uma série de manifestações populares por todo o país que, de início, contestavam os aumentos nas tarifas de transporte público²⁶, principalmente nas principais capitais. No entanto, essas manifestações pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular no mês de junho de 2013,

²⁴Deutsche Welle: <http://www.dw.de/impressa-estrangeira-destaca-trucul%C3%Aancia-da-pol%C3%ADcia-brasileira-em-protestos/a-16883228>

²⁵ <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>

²⁶ <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,passeata-dos-cem-mil-caras-pintadas-e-movimento-passe-livre-debatem-jornadas-de-junho,1107798>

especialmente em decorrência da intensa repressão contra os manifestantes por parte da polícia, no primeiro momento. Em seu ápice, milhões de brasileiros foram às ruas expor seu descontentamento não apenas em relação à redução das tarifas e à violência policial, mas também em relação a uma grande variedade de questões, como os gastos públicos com a Copa do Mundo, a baixa qualidade dos serviços públicos e a corrupção no cenário político nacional.

Apesar de se tratar de um fenômeno relativamente inédito no Brasil desde o movimento para o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor em 1992, as manifestações no Brasil seguiram os moldes de protestos que aconteceram em outros países, como a Primavera Árabe (início em 2010), no oriente médio e norte da África, o *Occupy Wall St* (início em 2011), nos Estados Unidos, e *Los Indignados* (início em 2011), na Espanha. Os protestos no Brasil têm em comum com esses três movimentos o fato de terem sido organizados e divulgados à população por meio das redes sociais, bem como o fato de não terem líderes instituídos, tendo sido descritos como movimentos de resistência sem liderança.

Um aspecto das manifestações que se sobressaiu diz respeito à cobertura da mídia nacional. O jornal *Folha de São Paulo* criticou as manifestações, acusando os manifestantes de vandalizarem vias da cidade e acusando-os de serem “jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados”²⁷, defendendo a ação da polícia. No entanto, após terem sete de seus repórteres feridos pela ação da polícia, o jornal reconheceu a truculência por parte da corporação²⁸. Além de se referir aos manifestantes como baderneiros, o jornal *O Estado de São Paulo*, acusou os manifestantes de “aterrorizar a população” e afirmou que o vandalismo foi “a marca do protesto”, cobrando uma ação mais rigorosa por parte da polícia.

Além disso, outro aspecto relacionado à cobertura das manifestações por parte da mídia nacional foi o de que os canais a cabo dedicados exclusivamente a notícias 24h por dia não transmitiam nada ao vivo da capital paulista, noticiando apenas

²⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>

²⁸ <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/acontece/72063-apos-ter-reporteres-agredidos-folha-muda-discurso-e-diz-que-policia-reagiu-com-violencia>

sobre os protestos na Turquia, segundo a revista *Carta Capital*.²⁹ No programa radiofônico do *Observatório da Imprensa* de 13 de junho de 2013, o comentarista Luciano Costa chama a atenção para o fato de que as manifestações só terem ganhado repercussão na mídia após jornalistas terem sido vítimas das ações abusivas da polícia³⁰.

Já no que diz respeito à cobertura por parte da mídia internacional, o jornal espanhol *El Pais*³¹ e o canal alemão Deutsche Weller³² destacaram a violência policial contra manifestantes e ressaltaram a falta de preparo da polícia brasileira frente ao acontecimento. Além dos jornais analisados nesta pesquisa, os jornais *Le Monde*³³ e a rede de notícia norte americana CNN também fizeram a cobertura dos protestos no Brasil, tamanha a repercussão internacional do acontecimento.

Em âmbito nacional, os protestos tiveram tamanha repercussão que, em resposta, o governo brasileiro elaborou um conjunto de medidas³⁴ voltadas a atender as reivindicações dos manifestantes, tais como tornar a corrupção um crime hediondo, arquivar a PEC 37 (que reduzia os poderes de investigação do Ministério Público) e proibir o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades, entre outras.

Por conta da referida repercussão, investigações como a contida no presente trabalho vêm se mostrando um terreno fértil para análises da representação não apenas dos participantes envolvidos, mas também dos outros elementos da prática social, tais como as ações, os modos de atuação, as condições de elegibilidade e os estilos de apresentação dos participantes, o tempo, os locais, as condições de elegibilidade dos locais, os recursos e as condições de elegibilidade dos recursos (VAN LEEUWEN, 2008, p. 7-12).

²⁹ <http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/protestos-em-sp-sao-ignorados-por-canais-de-noticia-a-cabo-7034.html>

³⁰ http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura

³¹ http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/14/actualidad/1371171229_461963.html

³² <http://www.dw.de/impressa-estrangeira-destaca-trucul%C3%A2ncia-da-pol%C3%ADcia-brasileira-em-protestos/a-16883228>

³³ http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/14/bresil-manifestations-contre-la-hausse-du-prix-des-transports_3430069_3222.html

³⁴ <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/conquistas-no-congresso-e-no-stf-nao-diminuem-protestos>

A escolha dos textos para compor o *corpus* desta pesquisa se deu mediante critérios linguísticos e de representatividade. Como se pretendia analisar recontextualizações de uma mesma prática social em diferentes sistemas linguísticos (português brasileiro e inglês), buscamos textos que satisfizessem esse critério, ou seja, primeiramente os textos tinham que ser escritos em português e em inglês. Adotamos um critério topológico para a escolha dos textos em português, de modo que selecionamos um texto de um jornal de grande circulação de São Paulo (*Folha de São Paulo*), Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*) e Brasília-DF (*Correio Braziliense*), haja vista a grande repercussão das Manifestações nessas cidades noticiada pela mídia televisiva. Como buscamos coletar a mesma quantidade de textos nos dois idiomas, e ainda seguindo o critério topológico para a seleção dos mesmos, selecionamos dois textos de jornais de grande circulação nos Estados Unidos (*Chicago Tribune* e *The New York Times*) e um texto de jornal de grande circulação no Reino Unido (*The Guardian*).

Importa destacar que neste estudo, não faremos caracterizações individuais acerca dos posicionamentos políticos e ideológicos dos jornais investigados por entendermos ser este objeto de pesquisas com viés mais sociológico. Conforme explicado, os textos foram selecionados pelos critérios acima descritos, independentemente de adotarem políticas editoriais a favor ou contra eventos como a prática investigada nesta pesquisa.

Na seção seguinte, apresentamos as etapas do processo.

2.2 - Procedimentos Metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos seguidos para a realização deste trabalho, os quais envolvem desde a compilação dos textos para composição do *corpus* até o levantamento dos dados para análise. Tais procedimentos são elencados a seguir em forma de itens e de modo sequenciado:

- a) Coleta através da *Internet* dos textos que compõem o *corpus* de análise, abrangendo o período compreendido entre os dias 19 e 21 do mês de junho de 2013, por meio do nóculo de busca “Manifestações

Brasil” e “Protests Brazil” na ferramenta “Notícias” no site de busca *Google*³⁵.

- b) Leitura e seleção dos textos coletados, segundo o critério de se tratarem de registros jornalísticos nas duas línguas (português e inglês) a respeito do assunto em questão.
- c) Limpeza (retirada das imagens e hiperlinks) e preparação do *corpus* em formato .txt (Arquivo de texto do Windows).
- d) Nomeação dos arquivos em formato .txt indicando o dia, o mês e o nome do jornal, e distribuição em pastas nomeadas “*subcorpus* em português” e “*subcorpus* em inglês”.
- e) Análise e etiquetamento do *corpus*. As etiquetas de análise reuniram informações das classificações dos denominadores segundo o sistema RAS (1997), quanto ao nome do jornal e quanto ao grupo de atores em questão (Manifestantes ou Agentes Públicos).
- f) Análise das subcategorias de Inclusão e Exclusão a partir do recorte do sistema RAS referido no marco teórico e de suas realizações linguísticas.
- g) Elaboração de quadros com exemplos, tabelas e gráficos representativos dos dados quantitativos e qualitativos da análise, obtidos em cada *subcorpus* e no *corpus* geral, a partir de cada (sub)categoria de análise.
- h) Levantamento e comparação dos padrões de realização linguística nas línguas portuguesa e inglesa, e das representações sociossemânticas dos atores sociais nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.
- i) Análise e discussão crítica e comparativa acerca das representações observadas dos atores sociais investigados nos textos.

O primeiro procedimento com os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, depois de coletados, lidos, selecionados e limpos, consistiu na anotação manual com etiquetas, cujo processo de criação se baseou na seguinte grade de marcação:

³⁵ <https://www.google.com.br>

QUADRO 2: Grade de Marcação do Corpus

A Corpus	B Inclusão/ Exclusão	C Person./ Imperson.	D Determ./ Indeterm.	E Person./ Imperson.	F Grupo de atores
1 Correio Braziliense	1 Inclusão	1 Personalização	1 Determinação	1 Nomeação	1 Manifestantes
2 Folha de São Paulo	2 Exclusão	2 Impersonalização	2 Indeterminação	2 Funcionalização	2 Rep. Do Governo
3 Jornal do Brasil		0 Não se aplica	0 Não se aplica	3 Classificação	
4 Chicago Tribune				4 Id. Relacional	
5 New York Times				5 Id. Física	
6 The Guardian				6 Id. p/ Vestuário	
				7 Avaliação	
				1 Abstração	
				2 Espacialização	
				3 Aut. do Enunciado	
				4 Instrumentalização	
				5 Somatização	
				6 Institucionalização	
				7 Ficcionalização	
				8 Sobrenaturalização	
				9 Primitivização	
				0 Não se aplica	

A coluna A identifica os jornais no *corpus*, sendo 1 para o *Correio Braziliense*, 2 para o *Folha de São Paulo*, 3 para o *Jornal do Brasil*, 4 para o *Chicago Tribune*, 5 para o *The New York Times* e 6 para o *The Guardian*. A coluna B identifica se o ator social foi incluído ou excluído da representação, sendo 1 para Inclusão e 2 para Exclusão. A coluna C identifica se os atores sociais foram personalizados ou impersonalizados, sendo 1 para Personalização, 2 para Impersonalização e 0 para quando a classificação não se aplicar, no caso de terem sido representados por Exclusão. A coluna D aborda as formas de representação por Determinação (1) e Indeterminação (2) e, quando a classificação não for aplicável (0). A coluna E elenca as diversas formas pelas quais os atores sociais podem ser personalizados ou impersonalizados, sendo os primeiros códigos de 1 a 7 referentes às categorias de Personalização, e os últimos códigos de 1 a 9 referentes às formas de Impersonalização. O código 0 é para quando a classificação não se aplicar, no caso de uma Exclusão ou de uma Personalização por Indeterminação. Os códigos não se confundem pelo fato de estarem vinculados à coluna C (1=Personalização e 2=Impersonalização). Finalmente, a coluna F diz respeito ao grupo de atores investigados, sendo 1 para Manifestantes e 2 para Agentes Públicos.

As etiquetas foram inseridas imediatamente após o termo analisado, entre parênteses angulares < >. Utilizamos esse tipo de marcação para que a etiqueta pudesse ser identificada como tal pelo concordanciador AntConc, embora o programa ofereça a possibilidade de alteração do símbolo identificador da etiqueta na ferramenta *Tag Settings*, na aba *Global Settings*. Essa ferramenta também possibilita acessar os textos considerando ou não as etiquetas.

A título de exemplificação, apresentamos o seguinte fragmento anotado, retirado do *corpus*: “Quase 2 milhões de brasileiros <111131> fizeram manifestações <120001> pela redução das passagens do transporte público, contra os gastos com as obras da Copa do Mundo, pelo aumento dos recursos para a saúde e educação e contra a corrupção e a impunidade”. Nesse exemplo, temos que o primeiro termo anotado se encontra no jornal 1 (*Correio Braziliense*), o ator social foi representado por Inclusão, por Personalização, por Determinação, por Classificação e que se insere no denominador Manifestantes. Já o segundo termo anotado também se encontra no jornal *Correio Braziliense*, o ator social foi excluído da representação e se insere no denominador Manifestantes. Os três “0” indicam que as categorias de análise em questão não se aplicam àquela anotação.

A opção por códigos numéricos para as etiquetas criadas para anotação do *corpus* se deve ao fato de estas contemplarem seis parâmetros de classificação para cada item linguístico anotado. Ou seja, seria necessário inserir muitas informações em cada um dos referidos itens. A princípio foram pensadas etiquetas com as iniciais de cada classificação, as quais foram, contudo, descartadas, por conta do tamanho que a etiqueta teria. Ao final, optamos pelo código numérico, por se apresentar como uma alternativa viável e que demandaria um menor espaço para anotação.

Após termos apresentado a grade de marcação do *corpus*, as etiquetas e o processo de anotação do *corpus*, apresentaremos os nós de busca por meio dos quais obtivemos, a partir do concordanciador AntConc, as informações detalhadas no capítulo seguinte.

QUADRO 3: Nós de busca no AntConc

	MANIFESTANTES	AGENTES PÚBLICOS
Realizações	<?????1>	<?????2>
Exclusão	<?2???1>	<?2???2>
Inclusão	<?1???1>	<?1???2>
Personalização	<?11??1>	<?11??2>
Impersonalização	<?12??1>	<?12??2>
Determinação	<?111?1>	<?111?2>
Indeterminação	<?112?1>	<?112?2>
Espacialização	<?12021>	<?12022>
Autonomização do Enunciado	<?12031>	<?12032>
Instrumentalização	<?12041>	<?12042>
Institucionalização	<?12061>	<012062>
Nomeação	<?11111>	<?11112>
Funcionalização	<?11121>	<?11122>
Classificação	<?11131>	<?11132>

Embora a grade de marcação apresentada contemple todas as subcategorias de Personalização e Impersonalização descritas pelo sistema RAS, os nós de busca acima descritos fazem referência apenas às realizações encontradas no *corpus* desta pesquisa, as quais serão descritas nas seções seguintes. O símbolo ? é um caractere curinga que representa qualquer caractere no concordanciador AntConc. Importa

destacar que as pesquisas apenas no *subcorpus* em português foram feitas adicionando-se os códigos 1, 2 ou 3 à coluna A nos nódulos de busca ou a partir da seleção apenas da pasta “*Subcorpus* em português”. Analogamente, as pesquisas no *subcorpus* em inglês foram feitas adicionando os códigos 4, 5 ou 6 à coluna A nos nódulos de busca ou a partir da seleção apenas da pasta “*Subcorpus* em inglês”.

No capítulo a seguir, apresentaremos e analisaremos os dados respondendo às questões de pesquisa.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos os dados e responderemos às três questões de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho.

Na seção 3.1, apresentaremos os dados gerais sobre a dimensão do *corpus*, segmentando-o no *subcorpus* em português e no *subcorpus* em inglês, os quais foram explorados com ferramentas do concordanciador.

Na seção 3.2, responderemos à primeira pergunta de pesquisa, apresentando as realizações associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos encontradas no *corpus*.

Na seção 3.3 responderemos à segunda pergunta de pesquisa, fazendo uma correlação das realizações dos referidos atores sociais às categorias sociossemânticas propostas por van Leeuwen (1997).

3.1 - Dimensão do Corpus

A TAB. 1 apresenta dados gerais sobre as dimensões do *corpus*. As informações foram divididas entre os dois *subcorpora* para melhor detalhar as especificidades do *corpus*. O tamanho do *corpus* na tabela abaixo é dado em forma (*types*) e item (*tokens*) (SARDINHA, 2004), conceitos advindos da LC. O primeiro diz respeito à quantidade de palavras distintas e o segundo à quantidade de palavras no texto ³⁶. A razão forma/item (*type/token ratio*) informa sobre a densidade lexical do *corpus*.

³⁶ Como exemplo de contagem de formas e itens, observe-se que o período “Quando ela era criança, ela era mais independente” tem oito itens de seis formas diferentes (quando, ela, era, criança, mais, independente).

TABELA 1: Dados sobre o tamanho dos subcorpora

	FORMAS	ITENS	RAZÃO FORMA/ITEM ³⁷
Subcorpus em português	746	1803	41%
<i>Correio Braziliense</i>	163	276	59%
<i>Folha de São Paulo</i>	195	290	67%
<i>Jornal do Brasil</i>	528	1237	42%
Subcorpus em inglês	1110	3117	35%
<i>The Chicago Tribune</i>	466	972	47%
<i>The New York Times</i>	467	911	51%
<i>The Guardian</i>	565	1234	45%
TOTAL DO CORPUS	-	4920	-

O *subcorpus* em português apresenta uma ocorrência de 1803 itens e 746 formas, divididos entre os textos dos três jornais: *Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*. A razão forma/item é de 41% (746 dividido por 1803, multiplicado por 100). Já no *subcorpus* em inglês, observa-se uma ocorrência de 3117 itens e 1110 formas, divididos entre os jornais: *The Chicago Tribune*, *The New York Times* e *The Guardian*. A razão forma/item é de 35% (1110 dividido por 3117, multiplicado por 100). A razão forma/item é maior no *subcorpus* em português, indo ao encontro das observações de Baker (1992, p. 183) a respeito da preferência da língua portuguesa por estabelecer coesão por meio de coesão lexical, enquanto a língua inglesa tende a se utilizar mais de referência pronominal ou de repetição do mesmo item, sem variação lexical.

A quantidade total de formas no *corpus* não foi computada, uma vez que deixariam de ser contabilizadas palavras que aparecem nos dois *subcorpora* e que, no entanto, apresentam função diversa em cada um deles, como *a* (artigo definido em português, e artigo indefinido em inglês), *do* (preposição + artigo definido em português, e verbo ‘fazer’ em inglês) e *as* (artigo definido plural em português, e conjunção, preposição e advérbio em inglês), por exemplo. Em consequência disso, a razão forma/item de todo o *corpus* também não foi computada.

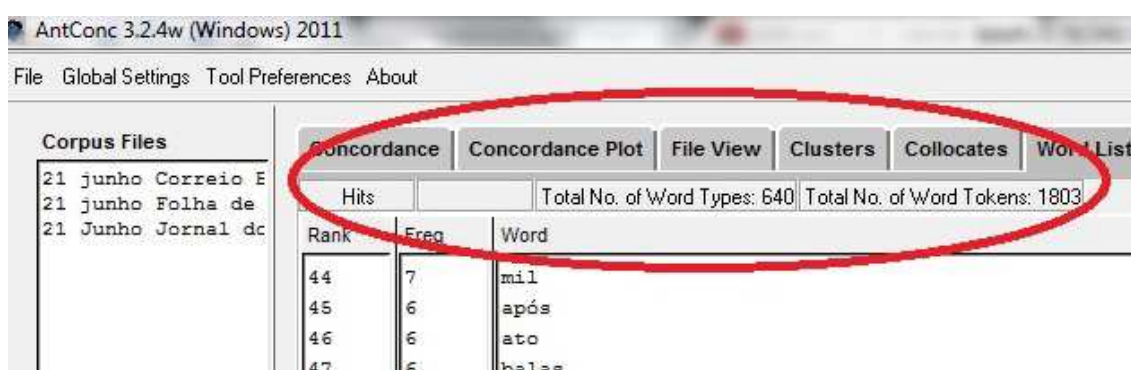
Percebe-se que o *subcorpus* em inglês é maior do que o *subcorpus* em português. Considerando que foram selecionadas as mesmas quantidades de textos nos dois idiomas (três em português e três em inglês), a diferença de quase 60% entre os tamanhos deles pode ser um indício de que os textos em inglês apresentaram um maior

³⁷ Valores médios.

detalhamento e possibilitem um acesso pormenorizado à prática social em questão por meio de sua recontextualização.

Os dados referentes às dimensões dos *subcorpora*, acima apresentados, foram levantados a partir da ferramenta *Wordlist* do concordanciador AntConc. As FIG. 5 e 6 mostram um recorte da janela desta ferramenta, a qual apresenta os referidos dados circutados em vermelho.

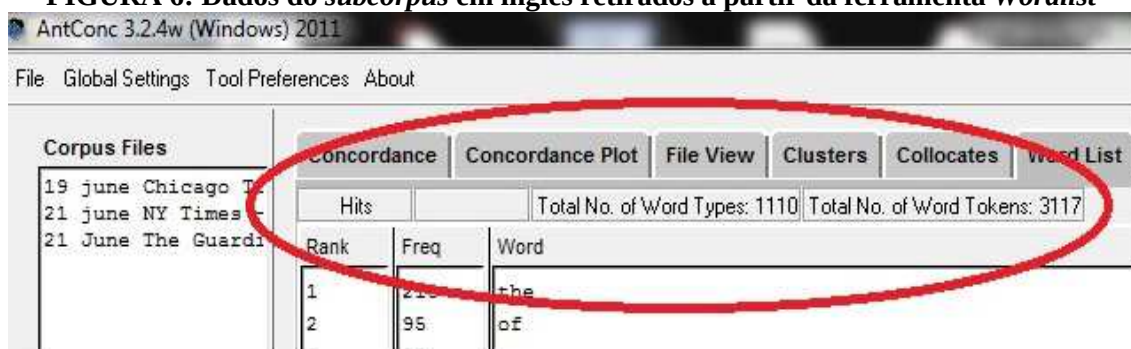
FIGURA 5: Dados do *subcorpus* em português retirados a partir da ferramenta *Wordlist*



Corpus Files		
21 junho	Correio E	
21 junho	Folha de	
21 Junho	Jornal de	

Concordance			Concordance Plot			File View			Clusters			Collocates			Word List		
Hits						Total No. of Word Types: 640			Total No. of Word Tokens: 1803								
Rank	Freq	Word															
44	7	mil															
45	6	após															
46	6	ato															
47	6	balas															

FIGURA 6: Dados do *subcorpus* em inglês retirados a partir da ferramenta *Wordlist*



Corpus Files		
19 June	Chicago T	
21 June	NY Times	
21 June	The Guardi	

Concordance			Concordance Plot			File View			Clusters			Collocates			Word List		
Hits						Total No. of Word Types: 1110			Total No. of Word Tokens: 3117								
Rank	Freq	Word															
1	21	the															
2	95	of															

As figuras acima apresentam a tela principal do AntConc. Na parte superior, é possível ver a janela “File”, onde é possível selecionar a pasta com os *subcorpora*. Em “Global Settings” é possível alterar as configurações iniciais do programa, em “Tool Preferences” é possível alterar as ferramentas do programa de acordo com as preferências do usuário (por exemplo, modificar as cores das palavras no entorno no nódulo de busca) e, por fim, a janela “About” traz informações sobre o ano de

lançamento do programa e seu criador. Um pouco mais abaixo, no lado esquerdo, em “*corpus files*” visualizamos os textos selecionados dos *subcorpora* em questão. Do lado direito, é possível visualizar as abas “*Concordance*”, “*Concordance Plot*”, onde é possível ter acesso às linhas de concordância em torno do nóculo de busca e buscar concordâncias específicas. Em “*File View*”, é possível visualizar todos os arquivos selecionados, as abas “*Clusters*” e “*Collocates*” possibilitam buscar combinações específicas de palavras e marcá-las de forma específica e a “*Word List*”, que é a aba selecionada nas FIG. 5 e 6, além de apresentar um *ranking* das palavras mais frequentes, mostra o número de *Types* (formas) e *Tokens* (itens).

Na seção a seguir, responderemos à primeira pergunta de pesquisa.

3.2 Através de quais elementos lexicais e/ou gramaticais os atores sociais Manifestantes e Agentes Públicos são realizados nos textos analisados em português e em inglês?

Nesta pesquisa, investigamos as formas através das quais os Manifestantes e os Agentes Públicos são representados à luz da Teoria de Representação de atores sociais. Conforme mencionado anteriormente, agrupamos os participantes sob os denominadores *Manifestantes* e *Agentes Públicos*.

O QUADRO 4 apresenta os elementos gramaticais e lexicais que realizam linguisticamente os Manifestantes e os Agentes Públicos nos textos investigados.

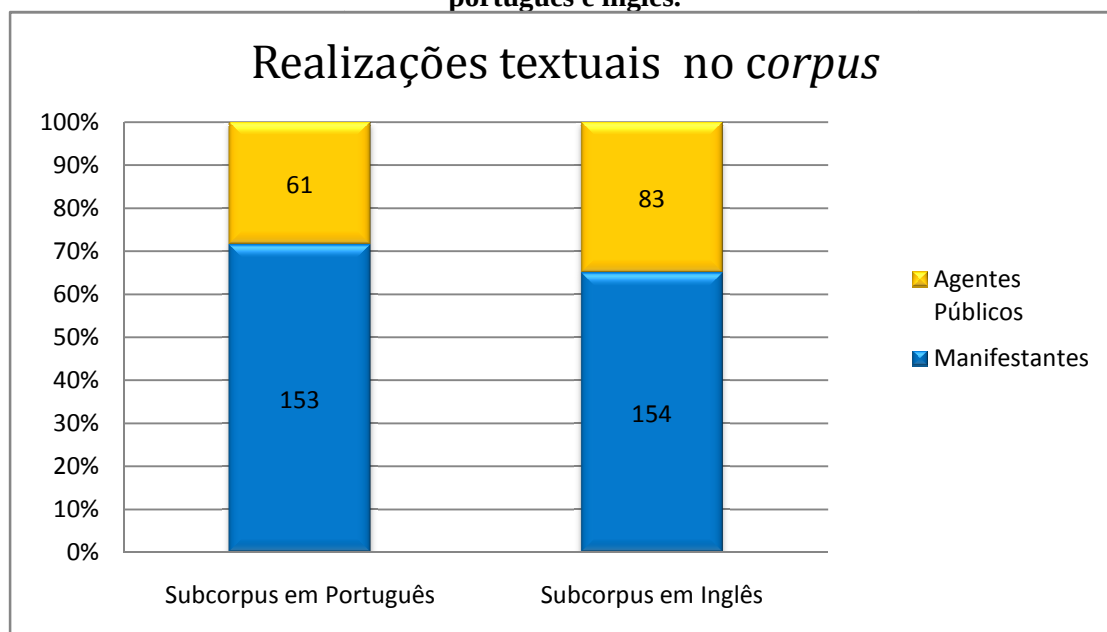
QUADRO 4: Realizações de Manifestantes e Agentes Públicos no *corpus*

Manifestantes no <i>subcorpus</i> em português	Manifestantes no <i>subcorpus</i> em inglês
Ações de repúdio - adolescente - agressores - ameaça - ataque - ataques - ato - atos - brasileiros - cidades - cidadãos - comemoração - confronto - confrontos - confusão - demanda - eles - garotos - grupo - grupos minoritários - homem - invasão - Movimento Passe Livre - manifestante - manifestantes - manifestos - marchas - militantes - minorias - mobilização - moradores - movimentos - multidão - passeatas - pessoa - pessoas - petistas - pichação - população - protesto - protestos - São Paulo - tumulto - violência - 120 - 1 milhão.	Attacks - banner - Brazil - Brazilian - Brazilians - Bruna Santana - Bruno Danna - cities - concerns - conductor - crowds - cry - defender David Luiz - demonstrations - demonstrators - employee - furious outcry - football supporters - Leandro Ferreira - fury - grievances - group - groups - it - Jennifer Novaez - marches - member - members - midfielder Hulk - million - millions - mobs - movement - Neymar - Nelber Bonifácio - people - population - populations - protest - protester - protesters - protests - public unease - Rafael Siqueira - rallies - respondents - Romário - she - sign - situation - something - street - students - sympathizers - teacher - their - them - they - thousands - Tostão - turnout - unrest - us - violence - violent turn - violent subset - Zico.
Agentes Públicos no <i>subcorpus</i> em português	Agentes Públicos no <i>subcorpus</i> em inglês
Aumento - autoridades - Antônio Patriota - chanceler - Cid Gomes - congresso - Dilma Rousseff - dispersão - ele - Exército - Força Nacional - governador - governadores - governo - guarda municipal - legislador - membros - ministros - Palácio do Planalto - Paulo Ziulkoski - policiais - policial - policiamento - polícia - polícias - prefeito - prefeitos - presidente - presidente do TJ - Tropa de Choque - veículo blindado - Zenaldo Coutinho.	Army - authorities - Brazil - Mr. Carvalho - Gilberto Carvalho - Dilma Rousseff - global elite - Fifa - governability - government - he - her - increases - it - its - José Mariano Beltrame leaders - Luiz Inácio Lula da Silva - Finance Ministry - official - organizers - overhaul - political parties - Pelé - police - politicians - president - Ricardo Teixeira - rise - Ronaldo - Rousseff - she - Teixeira - their - they.

Na coluna da esquerda do QUADRO 4, identificamos as realizações associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos no *subcorpus* em português. Na coluna da direita, identificamos as realizações associadas aos Manifestantes e Agentes Públicos no *subcorpus* em inglês.

O GRÁF. 1 apresenta uma comparação visual das quantidades de realizações associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos nos dois *subcorpora*, de modo que podemos observar que as realizações associadas aos primeiros superam as relacionadas aos últimos.

GRÁFICO 1: Realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos *subcorpora* em português e inglês.



No GRÁF. 1, identificamos no *subcorpus* em português há 153 ocorrências de realizações associadas aos Manifestantes, enquanto há 61 ocorrências de realizações associadas aos Agentes Públicos. Já no *subcorpus* em inglês, observamos um total de 154 ocorrências relacionadas aos Manifestantes e 83 associadas aos Agentes Públicos. O *subcorpus* em português é menor, contudo, apresenta quase o mesmo número de ocorrências do em inglês. Esse dado somado à informação de que o texto em português tem maior densidade lexical (razão forma/item) servem como evidência da preferência por coesão lexical em português.

Relembramos que, ao analisarmos o total de realizações de determinado ator social, estamos investigando as quantidades de vezes em que foi materializada alguma referência a ele no texto em questão, independentemente de essas realizações se construírem de forma a o incluírem ou excluírem da representação da prática social. As informações sobre a Exclusão ou Inclusão dos atores sociais serão dadas na seção seguinte, ao respondermos à segunda pergunta de pesquisa.

A TAB. 2 detalha os elementos do GRÁF. 1, apresentando dados relativos à quantidade de realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos dois *subcorpora*.

TABELA 2: Realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos dois *subcorpora*

SUBCORPUS EM PORTUGUÊS			SUBCORPUS EM INGLÊS		
Realizações	Qtde	%	Realizações	Qtde	%
Manifestantes	153	71%	Manifestantes	154	65%
Agentes Públicos	61	29%	Agentes Públicos	83	35%
TOTAL	214	100%	TOTAL	237	100%

Na tabela acima, os Manifestantes foram referidos 153 vezes nos textos em português, o que corresponde a 71% do total de realizações investigadas nesses textos. Já os Agentes Públicos, foram referidos 61 vezes no *subcorpus* em português, o que corresponde a 29% do total de realizações investigadas nesses textos.

No *subcorpus* em inglês, os Manifestantes foram referidos 154 vezes, o que corresponde a 65% do total de realizações investigadas nesses textos. Os Agentes Públicos foram referidos 83 vezes, o que corresponde a 35% das realizações investigadas nesses textos. Indicando que a disparidade na quantidade de realizações dos atores sociais investigados é maior no *subcorpus* em português.

Observamos, ainda, que a quantidade total de realizações associadas tanto aos Manifestantes, quanto aos Agentes Públicos foi maior nos textos em inglês. Isso pode ter ocorrido por conta do *subcorpus* em inglês ser maior em número de *tokens* do que o em português, apresentando, proporcionalmente, mais realizações dos atores sociais investigados. Conforme discutido anteriormente, o fato de o *subcorpus* em inglês ser maior é um indício de maior detalhamento da prática social no processo de recontextualização. Tal fato poderia levar o público alvo do jornal a ter um conhecimento mais pormenorizado, levantando o questionamento sobre os motivos pelos quais a prática social investigada não ter tido tanto detalhamento no país onde aconteceu.

Importa destacar que, ao olharmos percentualmente as referências feitas aos Manifestantes, veremos que estas superam as referências aos Agentes Públicos em ambos os *subcorpora*. Esses dados indicam que na recontextualização da prática social

investigada, a participação dos Manifestantes ganhou proeminência, enquanto os Agentes Públicos são colocados em segundo plano.

As realizações associadas aos Manifestantes nos textos em português se dão através de itens gramaticais e lexicais, os quais se relacionam às formas de representação por Inclusão e Exclusão, conforme veremos adiante. Entre as realizações de maior ocorrência, estão: “manifestantes” (22), “pessoas” (13), “protestos” (10), “protesto” (9), “confrontos” (8) e “manifestação” (7). Observamos, ainda, a ocorrência de itens lexicais como “tumulto”, “confronto” e “confusão”, que constroem a prática social investigada através de um discurso de desordem e conflito, indo ao encontro das críticas que foram feitas à imprensa brasileira quanto à caracterização dos Manifestantes. Conforme esclarece Trew (1979, citado por Assis, 2009), algumas estratégias utilizadas para descrever as circunstâncias de um acontecimento, entre elas, o uso da passiva; a omissão do agente no corpo da reportagem; e a escolha de determinados itens lexicais que implicam desordem civil, legitimam a necessidade de intervenção policial.

As realizações associadas aos Manifestantes nos textos em inglês também se dão por meio de itens gramaticais e lexicais. Observamos a ocorrência de nomes próprios como “Bruna Santana”, “Bruno Danna” e “Leandro Ferreira” e, ainda, de nomes de pessoas públicas ligadas ao futebol, como “David Luiz”, “Neymar”, “Hulk”, “Zico” e “Tostão”, possivelmente relacionados ao fato de que as manifestações aconteceram concomitantemente à Copa das Confederações³⁸. Por apresentar nomes de pessoas que apoiaram as manifestações, os jornais estrangeiros investigados parecem construir os Manifestantes a partir de agentes identificáveis, diferentemente dos jornais brasileiros. Entre as realizações de maior ocorrência, estão: “*protests*” (19), “*protesters*” (15), “*people*” (11), “*demonstrations*” (8) e “*brazilian*” (7).

As realizações dos Agentes Públicos nos textos em português ocorrem tanto por meio de itens gramaticais, quanto por meio de itens lexicais. Observamos a ocorrência de nomes relacionados às instituições às quais pertencem esses atores sociais, como “polícia”, “governo” e “congresso”. Percebemos, ainda, a ocorrência de nomes próprios relacionados à política como “Dilma Rousseff”, “Cid Gomes”, “Paulo Ziulkoski” e “Zenaldo Coutinho”, evidenciando que os Agentes Públicos foram

³⁸ Evento esportivo realizado no Brasil entre 15 e 30 de junho de 2013, que serviu como teste para realização da Copa do Mundo de 2014.

individualizados através de seus nomes próprios. As realizações de maior ocorrência foram: “polícia” (14), “presidente” (7), prefeito (3).

Nos textos em inglês, os Agentes Públicos também são realizados por itens gramaticais e lexicais, havendo, igualmente, ocorrência de nomes próprios relacionados à política, como “Dilma Rousseff” e “Luiz Inácio Lula da Silva”. No entanto, observamos a ocorrência de nomes próprios ligados ao futebol, como “Pelé” e “Ronaldo”, sugerindo uma divisão entre os desportistas brasileiros quanto ao apoio ou repúdio às manifestações. As realizações de maior ocorrência foram: “*government*” (11), “*Rousseff*” (9), “*president*” (6).

Observamos, ainda, que os temas relacionados à “Copa” foram abordados de maneira mais extensiva nos textos em inglês, dado que se confirma pela presença dos itens “*cup*” (16 ocorrências), “*tournament*” (5 ocorrências), “*football*” (11 ocorrências) e “Fifa” (7 ocorrências). Este último foi agrupado sob o denominador Agentes Públicos em decorrência da relação direta desta entidade com o governo brasileiro enquanto sede do mundial de futebol. Com exceção do item “copa” (2 ocorrências), não foram encontradas outras referências ao mundial de futebol no *subcorpus* em português.

Asserção prevista para a primeira pergunta de pesquisa, a saber, que haveria uma predominância de itens lexicais na realização dos atores sociais nos textos em português, enquanto a realização desses participantes se daria predominantemente por meios gramaticais nos textos em inglês, foi parcialmente refutada. De fato, houve uma predominância de itens lexicais nas realizações dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos textos em português (98,2%). No entanto, observamos que a realização desses atores sociais nos textos em inglês também ocorreu predominantemente por itens lexicais (88,3%), apesar de ter havido uma quantidade maior de itens gramaticais (11,3%) associados a esses atores sociais que nos textos em língua portuguesa (1,8%).

De posse dos dados acerca do total de realizações dos atores sociais, na subseção a seguir, responderemos à segunda pergunta de pesquisa.

3.3 Como as realizações dos Manifestantes e Agentes Públicos são consideradas à luz da Teoria de Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1997)?

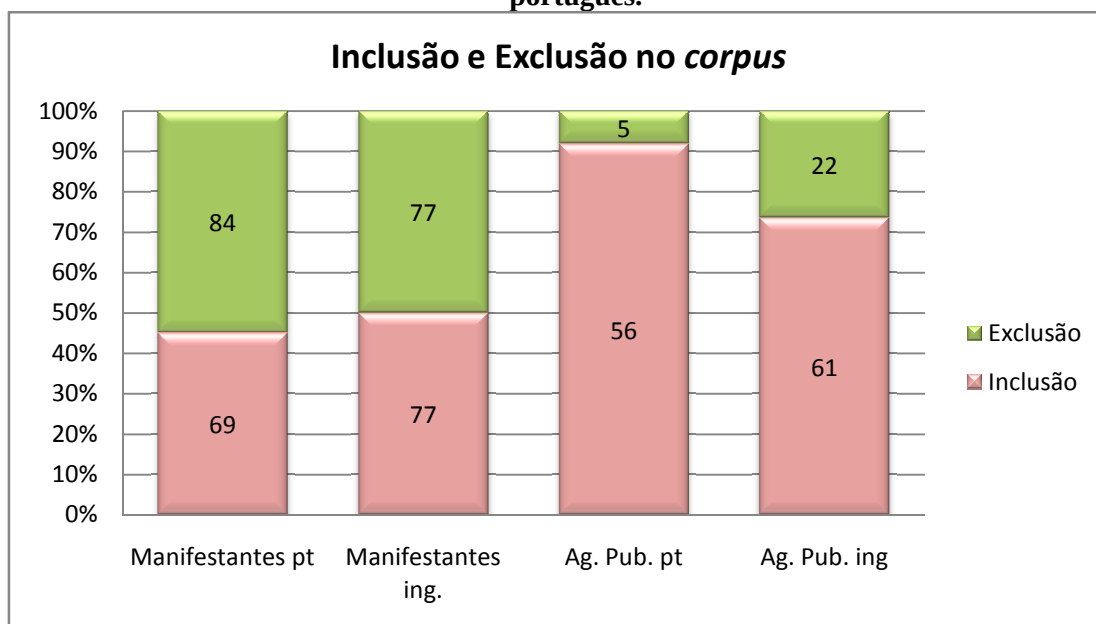
Para responder a esta pergunta, classificaremos as realizações textuais associadas aos participantes investigados nesta pesquisa em relação às categorias sociosemânticas de Exclusão e Inclusão, propostas por van Leeuwen (1997).

Após apresentarmos e quantificarmos as realizações associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos nos textos em português e em inglês na subseção anterior, averiguaremos em quais delas esses atores sociais foram incluídos e excluídos à luz do sistema RAS

Considerando que, de acordo com a Teoria de Representação de Atores Sociais, a Exclusão acontece quando não se faz referência a um participante que está presente em determinado contexto ou quando essa referência ocorre implicitamente por meio de pronominalização, substantivos ou verbos associados à ação na qual o participante está envolvido. São consideradas Inclusão àquelas referências explícitas, pessoais ou impessoais ao participante.

O GRÁF. 2 apresenta as quantidades de Inclusão e Exclusão dos Manifestantes e dos Agentes Públicos nos *subcorpora* em português e em inglês:

GRÁFICO 2: Inclusões e Exclusões dos Manifestantes e Agentes Públicos no *subcorpus* em português.



O GRÁF. 2 mostra que os Manifestantes no *subcorpus* em português foram representados por meio de Inclusão 69 vezes, o que corresponde a 45% das 153

realizações. Estes atores sociais foram excluídos da representação 84 vezes, o que corresponde a 55% das 153 realizações a eles associadas. Os Manifestantes no *subcorpus* em inglês foram representados por Inclusão 77 vezes, o que corresponde a 50% das 154 realizações. Estes atores sociais foram excluídos da representação 77 vezes, o que corresponde 50% das realizações a eles associadas.

Os Agentes Públicos no *subcorpus* em português foram representados através da Inclusão 56 vezes, o que corresponde a 92% das 90 realizações. Estes atores sociais foram excluídos da representação 5 vezes, o que corresponde a 8% das 90 realizações a eles associadas. Já os Agentes Públicos no *subcorpus* em inglês foram representados por Inclusão 61 vezes, o que corresponde a 73% das realizações. Estes atores sociais foram excluídos da representação 22 vezes, o que corresponde a 27% das 90 realizações a eles associadas.

Ao examinarmos os percentuais dos GRÁF. 2, observamos que nos textos em português os Manifestantes foram mais Excluídos do que Incluídos da representação, diferentemente dos textos em inglês, em que tiveram a mesma quantidade de Exclusões e Inclusões. Por sua vez, os Agentes Públicos foram mais Incluídos do que Excluídos. Esse dado revela que, em ambos os *subcorpora*, houve uma maior Inclusão dos Agentes Públicos, apesar de ter havido mais realizações textuais associadas aos Manifestantes. Ou seja, apesar de ter havido mais realizações textuais associadas aos Manifestantes, essas realizações, em sua maioria, os excluía, de acordo com o sistema RAS.

O QUADRO 5 apresenta as formas de Exclusão dos Manifestantes e dos Agentes Públicos encontrados no *corpus*, diferindo-se do Quadro 4 por apresentar somente as ocorrências consideradas como Exclusão pelo Sistema RAS.

QUADRO 5: Exclusão de Manifestantes e Agentes Públicos no *corpus*

ATORES	SUBCORPUS EM PORTUGUÊS	SUBCORPUS EM INGLÊS
Manifestantes	Ações de repúdio - ameaça - ataque - ataques - ato - atos - 1 milhão - 120 - comemoração - confronto - confrontos - confusão - demanda - eles - invasão - manifestos - marchas - mobilização - movimentos - passeatas pichação - protesto - protestos - tumulto - violência	Attacks - concerns - conductor - demonstrations - fury - grievances - it - marches - million - millions - movement - population - populations - protest - protests - public unease - rallies - situation - sign - something - their - them - they - thousands - turnout - unrest - us - violence - violent turn - violent subset
Agentes Públicos	Aumento - policiamento - dispersão - ele - congresso	Governability - he - her - increases - it - its - overhaul - political parties - rise - she - their - they - use

O QUADRO 5 apresenta quais elementos linguísticos realizam a exclusão dos atores sociais investigados nesta pesquisa. Na coluna da esquerda, na qual constam as exclusões no *subcorpus* em português, identificamos os itens “ameaça”, “ataque”, “confronto”, “confusão”, “tumulto” e “violência” associados aos Manifestantes; e “aumento”, “policiamento”, “dispersão”, associados aos Agentes Públicos. Na coluna da direita, na qual constam as exclusões no *subcorpus* em inglês, identificamos os itens *attacks*, *fury*, *grievance*, *public unease*, *situation*, *violence* associados aos Manifestantes; e *governability*, *her*, *increases*, *she*, *they*, associados aos Agentes Públicos.

O QUADRO 6 apresenta as formas de Inclusão dos Manifestantes e dos Agentes Públicos encontrados no *corpus*.

QUADRO 6: Inclusão de Manifestantes e Agentes Públicos no *corpus*

ATORES	SUBCORPUS EM PORTUGUÊS	SUBCORPUS EM INGLÊS
Manifestantes	Adolescente - agressores-brasileiros - cidadãos-garotos - grupo - grupos minoritários - homem - Movimento Passe Livre - Manifestante - manifestantes - militantes - moradores - minorias - multidão - passeatas - pessoa - pessoas - petistas - população - São Paulo.	Attacks - banner - Brazil - Brazilian - Brazilians - Bruna Santana - Bruno Danna - cities - crowds - cry - defender David Luiz - demonstrators - employee - football supporters - Leandro Ferreira - group - groups - Jennifer Novaez - member - members - midfielder Hulk - mobs - Neymar - Nelber Bonifácio - people - population - populations - protester - protesters - Rafael Siqueira - Zico.
Agentes Públicos	Autoridades - Antônio Patriota - chanceler - Cid Gomes - Dilma Rousseff - Exército - Força Nacional - governador - governadores - governo - guarda municipal - legislador - membros - ministros - Palácio do Planalto - Paulo Ziulkoski - policiais - policial - polícia - polícias - prefeito - prefeitos - presidente - presidente do TJ - Tropa de Choque - veículo blindado - Zenaldo Coutinho.	Army - authorities - Brazil - Mr. Carvalho - Gilberto Carvalho - Dilma Rousseff - global elite - Fifa - government - increases - José Mariano Beltrame - leaders - Luiz Inácio Lula da Silva - Finance Ministry - official - organizers - political parties - Pelé - police - politicians - president - Ricardo Teixeira - Ronaldo - Rousseff - Teixeira.

A asserção prevista para a resposta à segunda pergunta era que os Manifestantes e os Agentes Públicos seriam majoritariamente representados por formas de Inclusão nos textos em português e pela Exclusão nos textos em inglês. Essa asserção se fundamenta em Baker (1992, p. 183), que afirma que a língua portuguesa se utiliza de recursos lexicais para coesão textual, enquanto a língua inglesa dá prioridade à coesão por meio de recursos gramaticais.

O que se constatou foi que as formas de representação de Manifestantes e Agentes Públicos foram semelhantes em ambos os *subcorpora*. Ou seja, os Manifestantes foram mais excluídos da representação, enquanto os Agentes Públicos foram mais incluídos, nos textos em português. De maneira semelhante, nos textos em inglês, houve uma quantidade igual de Inclusões e Exclusões associadas aos

Manifestantes, enquanto os Agentes Públicos foram representados predominantemente por Inclusão. Munidos dessas constatações, refutamos a asserção prevista para a segunda pergunta.

Considerando que as Exclusões acima discutidas foram todas do tipo Encobrimento, haja vista ter sido possível recuperar o(s) ator(es) social/socials por elas referidos, faz-se necessário detalhar através de quais elementos linguísticos essas Exclusões ocorreram em ambos os *subcorpora* com vistas a examiná-las sob um viés mais discursivo, comparando as realizações entre os *subcorpora*. Nesse sentido, apresentaremos exemplos extraídos do *corpus* com vistas a explorar as nuances discursivas presentes nas formas de se representar os atores sociais investigados nesta pesquisa. Em decorrência da abrangência das categorias e por se tratarem de sistemas dentro de sistemas, faz-se necessário classificar e quantificar as realizações partindo dos sistemas mais amplos como a Exclusão e Inclusão para os mais refinados (*delicates*).

3.3.1 - A Exclusão

Conforme mencionado, as representações incluem ou excluem os atores sociais de acordo com interesses particulares dos autores em relação aos leitores a quem se dirigem os textos. A Exclusão pode ser do tipo Supressão ou Encobrimento. Quando se excluem as referências tanto ao ator social, quanto às suas ações, de modo a não haver evidências textuais sobre sua existência, trata-se de uma Supressão. Esse fenômeno é considerado um importante objeto de análise quando se comparam vários textos sobre a mesma prática social. Contudo, a Supressão não foi considerada nesta pesquisa, uma vez que estamos tratando de realizações, ou rastros linguísticos. Por outro lado, trata-se também de Supressão quando se faz referência a uma ação sem se mencionar o ator social diretamente atrelado a ela em qualquer parte do texto. Quanto ao Encobrimento, pode-se dizer que os atores sociais estão sendo mais colocados em segundo plano do que excluídos, uma vez que há referências explícitas a eles em outras partes do texto. A Supressão textualmente identificável e o Encobrimento realizam-se no texto, entre outras formas, por meio do apagamento do agente da passiva, por nominalizações, por elipses e por pronominalizações.

Pelo fato de todas as etiquetas utilizadas para marcação do *corpus* identificarem se a realização marcada está relacionada ao denominador *Manifestantes*

ou *Agentes Públicos*, consideraremos, nesta análise, que todas as Exclusões encontradas nos textos foram do tipo Encobrimento.

As Exclusões dos Manifestantes nos textos em português ocorreram principalmente por meio de alguns elementos lexicais que, conforme visto na seção anterior, constroem a prática social de manifestação a partir de um léxico associado a conflito, conforme vemos destacados em negrito nos exemplos 3 a 7, abaixo:

Exemplo (3): “Mesmo após a redução em série das tarifas de ônibus, principal reivindicação dos **protestos** que tomaram conta do país, novos **atos** levaram mais de 1 milhão de pessoas às ruas e resultaram numa onda de **violência** e **vandalismo** em 13 capitais” (texto 2)

Exemplo (4): “Brasília tem **ameaça** ao Planalto e **ataque** a Ministérios” (texto 2)

Exemplo (5): “Segundo Ziulkoski, a maioria dos **confrontos** aconteceu em cidades grandes e médias, nas pequenas os **manifestos** foram pacíficos.” (texto 1)

Exemplo (6): “Além de dezenas de feridos, a **mobilização** nacional registrou uma morte: em Ribeirão Preto (SP), um jovem foi atropelado [...]” (texto 3)

Exemplo (7): “Ocorreram **ataques** ou **tentativas de invasão** a órgãos dos Três Poderes em nove cidades. **Ações de repúdio** a partidos políticos foram recorrentes.” (texto 2)

Os atores sociais podem ser apagados da recontextualização da prática social por meio da nominalização, conforme aponta van Leeuwen (2008, p. 18). Nesse sentido, ao se utilizarem palavras como “protestos”, “atos”, “manifestos”, “mobilização”, que, vistas de forma isolada, parecem ter uma conotação neutra se comparadas a palavras como “ameaças”, “ataque”, “confrontos”, deixa-se de fazer menção aos indivíduos que realizam os referidos protestos, atos, manifestos, etc. Em consequência disso, passa-se a ver a prática social da manifestação como algo desprovido de um caráter humano, deixando-se de reconhecer o indivíduo que dela participa, legitimando-se, assim, ações de repressão contra esse grupo.

Apesar de apresentar uma ocorrência maior de itens gramaticais que nos textos em português, as Exclusões aos Manifestantes nos textos em inglês também se deram principalmente por meio de itens lexicais que constroem as manifestações (e os Manifestantes, consequentemente) através de uma perspectiva de conflito, como veremos nos exemplos 8 a 11, a seguir:

Exemplo (8): “With **public fury** now on full display, football's leading lights also seem divided about how to respond [...]” (texto 6)

Exemplo (9): “The **rallies and the violence** that has often followed, were not solely prompted by the tournament.” (texto 6)

Exemplo (10): “There are several wild cards that could transform the **movement** into **something more threatening** to the status quo.” (texto 4)

Exemplo (11): “That could, in turn, result in greater unemployment - in which case, the **popular unrest** would likely build” (texto 4)

Nos exemplos 8 e 9, observamos a presença palavras no *subcorpus* em inglês que enfatizam a noção não apenas de conflito, mas também de ameaça e violência relacionada à participação dos Manifestantes na prática social. No exemplo 10, se afirma que o movimento pode se transformar em algo *mais* ameaçador ao *status quo* pelo fato de haver alguns *wild cards* [pessoas cujo comportamento não é previsível]. Isso significa que a prática social já era ameaçadora e a presença dessas pessoas apenas a torna mais ameaçadora (do que era antes). No exemplo 11, a prática social foi chamada de *popular unrest* [inquietação popular] e foi relacionada ao estabelecimento de uma possível crise de falta de trabalho.

Tendo havido apenas uma realização através do pronome “ele”, se referindo a Paulo Ziulkoski, as Exclusões associadas aos Agentes Públicos nos textos em português se deram em sua maioria através de itens lexicais, conforme os exemplos 12 e 13:

Exemplo (12): “Após a **dispersão**, grupos pequenos promoveram depredações [...]” (texto 3)

Exemplo (13): “O **policimento** foi reforçado, mas os confrontos pontuais ocorreram entre os próprios manifestantes.” (texto 3)

O exemplo 12 apresenta um caso de Exclusão em que não se menciona quem realiza a ação. Apesar de mencionar na oração seguinte quem sofreu a dispersão, não aponta quem a realizou, nem a maneira como isso aconteceu. No exemplo 13, a nominalização do indivíduo policial através de “policimento”, mais uma vez, apaga a individualidade da pessoa, legitimando e diminuindo a gravidade de qualquer ação de repressão que ela venha a cometer.

Embora também haja ocorrências de itens lexicais, as Exclusões associadas aos Agentes Públicos nos textos em inglês se deram majoritariamente por pronomes, como em:

Exemplo (14): “**Her** pledge came as the government put forward other small measures.” (texto 5)

Exemplo (15): ““The country’s current leaders - many of whom cut **their** teeth protesting a military government in the 1970s and 1980s [...]”” (texto 4)

No exemplo 14, temos o pronome *her* fazendo referência à presidente Dilma Rousseff. No exemplo 15, identificamos o pronome *their* relacionado a *the country’s current leaders*. É interessante notar a ênfase dada ao fato de que alguns líderes do país passaram pelo “governo militar”, e não pela “ditadura militar”.

Conforme visto no capítulo teórico, apesar de a pronominalização poder ser considerada um recurso de coesão textual “relativamente neutro” para evitar repetições, van Leeuwen (1993, p. 102), afirma que se trata de uma Exclusão do tipo Encobrimento, pois diminui a quantidade de vezes em que é feita uma referência explícita ao ator social em questão.

Os Manifestantes nos textos em português foram Excluídos também pelo apagamento do agente da passiva, conforme vemos nos exemplos 16 e 17 abaixo:

Exemplo (16): “Várias bandeiras do PT **foram roubadas, rasgadas e incendiadas.**” (texto 3)

Exemplo (17): “[...] equipamentos públicos **foram danificados.**” (texto 3)

No Exemplo 16, não se menciona explicitamente quem roubou, rasgou e incendiou as bandeiras do PT. No Exemplo 17, também não se menciona explicitamente quem danificou os equipamentos públicos. Contudo, devido a elementos contextuais, fica claro que essas ações foram praticadas pelos atores sociais que denominamos Manifestantes. Relacionando-se aos Manifestantes verbos de conotação negativa, como “roubar”, “rasgar”, “incendiar” e “danificar”, tem-se uma representação vandálica destes atores sociais.

Os Agentes Públicos nos textos em português também foram Excluídos por apagamento do agente da passiva, conforme o exemplo 18:

Exemplo (18): “Bombas de efeito moral **foram atiradas** em direção aos manifestantes, que atiram pedras e paus em direção à polícia.” (texto 3)

No Exemplo 18, percebe-se que não se faz referência explícita ao ator que atirou as bombas de efeito moral em direção aos manifestantes. Contudo, se menciona que os manifestantes atiraram pedras e paus em direção à polícia, sugerindo que, independentemente da ordem, uma ação acontece como reação à outra. Explicitou-se que os manifestantes jogaram pedras e paus em direção à polícia, mas não se explicitou que foram os policiais que jogaram as bombas de efeito moral em direção aos manifestantes, nitidamente numa tentativa de atribuir a autoria de uma ação negativa aos manifestantes, mas não aos policiais.

Os Agentes Públicos nos textos em inglês também foram Excluídos pelo apagamento do agente da passiva, como vemos adiante:

Exemplo (19): “[...] *the army **could be asked** to increase patrols in various parts of the city [...]*” (texto 5)

Exemplo (20): “[...] *she accepted the need for change but warned that violence **would not be tolerated** and appealed to protesters not to endanger the World Cup.*” (texto 6)

No Exemplo 19, apesar de se presumir que o chefe de Estado é que tem esse poder, não se fala explicitamente quem poderia pedir ao exército que aumentasse as patrulhas em partes variadas da cidade. É possível que essa informação não tenha sido dada porque não teria grande relevância para o leitor estrangeiro. No Exemplo 20, possivelmente com um intuito atenuante, não se menciona explicitamente quem não toleraria violência. Como se trata de um fragmento em discurso indireto, no qual a voz do ator representado se funde com a do representante, não é possível afirmar se quem suavizou a fala do ator social encoberto pelo pronome *she* foi ele próprio ou aquele que a recontextualizou.

A análise das formas linguísticas realizadoras da Exclusão desses participantes chamou-nos a atenção a dois pontos: i) apesar de as recontextualizações da prática social nas duas línguas terem dado proeminência aos Manifestantes, demonstrada por um maior número de realizações a eles associadas, sua participação na prática social foi majoritariamente recontextualizada de modo a encobri-los, a colocá-

los em segundo plano; ii) o encobrimento desses atores sociais nas duas línguas se deu principalmente por meio de itens lexicais que constroem a prática social investigada nesta pesquisa a partir de um discurso que caracteriza os Manifestantes como as ações propriamente ditas, e não como pessoas que as realizam. Além disso, as ações a que os Manifestantes estão associados são, em sua maioria, de desordem, de confusão. Nos exemplos de Exclusão associados aos Agentes Públicos, nota-se uma tentativa de atenuar as ações repressivas por estes, através do recurso linguístico do apagamento da passiva. A prática social foi construída de modo que há, de um lado, um bloco que causa o conflito e a desordem e, de outro, um grupo de atores sociais que apenas reagem para a restauração da ordem, de modo a estabelecer uma dualidade.

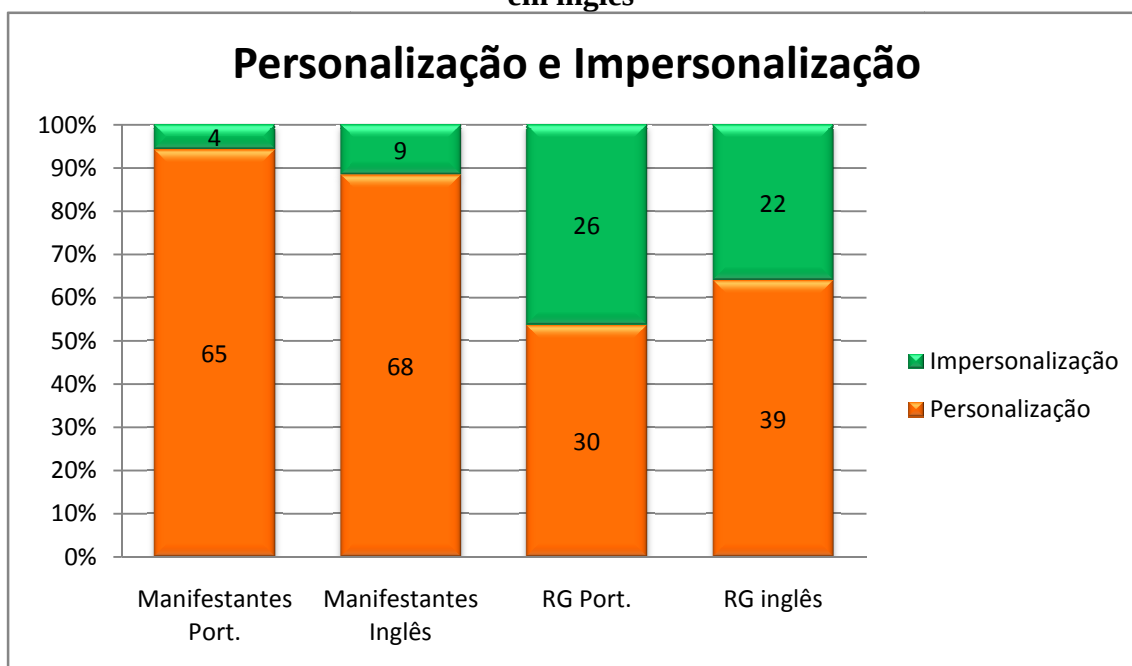
Apesar de os Manifestantes terem sido predominantemente realizados linguisticamente nos dois *subcorpora* por meio de Exclusão, é necessário detalhar em que ocasiões ocorreram as representações por meio da Inclusão. Destaca-se, ainda, que os Agentes Públicos foram mais realizados linguisticamente por meio de Inclusão, cujos exemplos serão apresentados na subseção que se segue.

3.3.2 - A Inclusão

Após a devida exploração dos dados sobre a Exclusão no *corpus*, apresentaremos a Inclusão dos Manifestantes e dos Agentes Públicos. Conforme visto no capítulo teórico, a Inclusão se divide em Personalização e Impersonalização. A primeira personaliza o ator social, representando-o como humano. Pode ser realizada, entre outras formas, por substantivos que contenham em seu campo semântico o traço <⁺humano>. Por outro lado, na Impersonalização, o ator social é impersonalizado, representado através de substantivos abstratos ou concretos, cujos campos semânticos não contenham o traço <⁺humano>.

O GRÁF. 4 permite visualizar a quantidade de vezes em que os Manifestantes e os Agentes Públicos Incluídos foram personalizados ou impersonalizados nos dois *subcorpora*:

GRÁFICO 3: Personalização e Impersonalização nos *subcorpora* em português e em inglês



A partir do GRÁF. 3, observamos que, no *subcorpus* em português, os Manifestantes foram personalizados 65 vezes (o que corresponde a 94% das Inclusões), e foram impersonalizados 4 vezes (o que corresponde a 6% das Inclusões). No *subcorpus* em inglês, os Manifestantes foram personalizados 68 vezes (o que corresponde a 88% das Inclusões) e foram impersonalizados 9 vezes (o que corresponde a 12% das Inclusões).

Os Agentes Públicos, por sua vez, no *subcorpus* em português, foram personalizados 30 vezes (o que corresponde a 54% das Inclusões) e foram impersonalizados 26 vezes (o que corresponde a 46% das Inclusões). Já no *subcorpus* em inglês, os Agentes Públicos foram personalizados 39 vezes (o que corresponde a 64% das Inclusões) e foram Impersonalizados 22 vezes (o que corresponde a 36% das Inclusões).

O sistema de Inclusão se subdivide nos subsistemas de Personalização e Impersonalização. O primeiro se divide em Determinação e Indeterminação. O segundo, por sua vez, se subdivide em Abstração e Objetificação. Com vistas a um melhor detalhamento das categorias de Inclusão, faremos primeiramente uma explanação sobre a Impersonalização, demonstrando e comentando alguns exemplos retirados do *corpus* para, em seguida, explanarmos sobre as categorias de Personalização.

A forma de Impersonalização mais encontrada no *corpus* desta pesquisa foi a Objetificação, a qual se subdivide nos subsistemas de Espacialização, Autonomização do Enunciado, Instrumentalização e Somatização, em que o ator social é representado, respectivamente, através de uma referência a um local, através de sua fala, através de produto ou instrumento associado a ele ou através da referência a uma parte de seu corpo. Sobre a Impersonalização, van Leeuwen (2008, p. 47) enfatiza:

Em termos gerais, a Impersonalização pode causar um ou mais dos seguintes efeitos: pode encobrir a identidade e/ou papel dos atores sociais, pode emprestar uma autoridade impessoal ou força a uma ação ou qualidade de um ator social, e pode adicionar conotações positivas ou negativas a uma ação ou enunciado de um ator social. [...] Por essa razão, a impersonalização prevalece na linguagem burocrática, uma forma de organização da atividade humana que é governada por procedimentos impessoais. (VAN LEEUWEN, 2008, p. 47)³⁹

No QUADRO 7, a seguir, apresentamos as formas de Impersonalização associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos dos dois *subcorpora*:

QUADRO 7: Impersonalização de Manifestantes e Agentes Públicos nos dois *subcorpora*

	Manifestantes em português	Manifestantes em inglês	Agentes Públicos em português	Agentes Públicos em inglês
Espacialização	Cidades - São Paulo- capitais	Brazil - cities – streets	Palácio do Planalto - Congresso -	Brazil
Institucionalização	Movimento Passe Livre	-	Exército - Força Nacional - Polícia - PM - Tropa de Choque	Army - Government - Finance Ministry - Fifa - police - political parties
Autonomização do Enunciado	-	Banner - rallying cry - furious outcry - noisy sign		
Instrumentalização		-	Veículo blindado - balas de borracha - spray de pimenta	

³⁹ Tradução nossa de “More generally, impersonalization can have one or more of the following effects: it can background the identity and/or role of social actors; it can lend impersonal authority or force to an action or quality of a social actor; and it can add positive or negative connotations to an action or utterance of a social actor. [...] For this reason, impersonalization abounds in the language of bureaucracy, a form of organization of human action which is governed by impersonal procedures.”

Os Manifestantes nos textos em português foram representados pela Espacialização e pela Institucionalização, as quais representam o ator social através da referência a algum lugar com o qual ele está relacionado e a uma instituição a qual ele pertence, respectivamente. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo (21): “O **Movimento Passe Livre** mobilizou **São Paulo** com esse tema [...]” (texto 1)

Exemplo (22): “As manifestações atingiram cerca de cem **idades**, sendo 25 **capitais**.” (texto2)

Nos exemplos 21 e 22, “São Paulo”, “idades” e “capitais”, representações do tipo Espacialização, estão representando a parte da população de São Paulo, das cidades e das capitais que foi às ruas participar das manifestações, contribuindo para a visão dos manifestantes como bloco e não como indivíduos. No exemplo 21, “Movimento Passe Livre” estão representadas as pessoas desta instituição que participaram das manifestações, configurando, assim, a representação por Institucionalização, proposta por Assis (2009). Segundo o autor, esse tipo de representação, confere “características humanas a instituições, que, por si só, não podem agir no mundo”. No entanto, parece-nos que acontece o contrário: a representação por Institucionalização está conferindo características institucionais aos atores sociais, de modo a conferir-lhes alguma legitimidade.

Os Manifestantes nos textos em inglês foram representados por Impersonalização através da Espacialização e da Autonomização do Enunciado, conforme vemos nos exemplos adiante:

Exemplo (23): “*Their novelty has also been important, as **Brazil** does not have the recent tradition of political protest seen in Argentina, Venezuela or even Chile.*” (texto 4)

Exemplo (24): “*Their broad **rallying cry**, which includes opposition to corruption and recent bus fare increases, has appealed to virtually any Brazilian [...]*” (texto 4)

Exemplo (25): “*As one **banner**, held aloft by a football-loving protester Leandro Ferreira, said on Thursday: “We don't want a country that is beautiful only for gringos”*” (texto 6)

Semelhante aos resultados de Assis (2009) em relação à representação de africanos no romance *Heart of darkness*, algumas das representações por

Autonomização do Enunciado nos textos em inglês limitam a fala dos Manifestantes a barulhos, berros e gritos furiosos, realizados por itens lexicais como *noisy sign*, *ralling cry* e *furious outcry*.

Os Agentes Públicos nos textos em português foram representados pela Espacialização, Institucionalização e Instrumentalização, conforme vemos nos exemplos 26 e 27:

Exemplo (26): “O **Exército** reforçou a proteção do **Palácio do Planalto**” (texto 2)

Exemplo (27): “Segundo a Secretaria municipal de Saúde, o número de feridos à meia-noite era de 62, a maioria **por balas de borracha, pedras e spray de pimenta.**” (texto 3)

O Exemplo 26 mostra os Agentes Públicos nos textos em português sendo representados pela instituição Exército e pelo prédio do Palácio do Planalto. No Exemplo 27, vemos que os atores sociais que causaram o ferimento foram representados pelos instrumentos usados na ação, o que demonstra uma tentativa de ocultar o(s) autor(es) da agressão. Já os Agentes Públicos nos textos em inglês foram representados por Espacialização e por Institucionalização:

Exemplo (28): “**Brazil** tries to calm protester concerns.” (texto 5)

Exemplo (29): “The **government** downplays such concerns, saying the stadiums promote development and have been built for multi-purpose use so they do not have to rely on football for revenue”. (texto 6)

Os Exemplos 28 e 29 apontam como os Agentes Públicos nos textos em inglês foram representados pela Espacialização, através do nome do país, e pela Institucionalização, através da instituição “governo”. Percebe-se, todavia, que *Brazil* serve de representação tanto para os Manifestantes, quanto os Agentes Públicos nos textos em inglês, a depender do contexto. Se, por um lado, a palavra *Brazil* parece dissolver a identidade de cada um dos Manifestantes na grande massa geográfica do país, por outro, parece reunir toda a autoridade e poder de decisão nas mãos de uma única instituição.

A categoria de Impersonalização dos Agentes Públicos mais recorrente nas duas línguas foi a Institucionalização. Através dela, não apenas aciona-se o teor burocrático inerente às Impersonalizações mencionado por van Leeuwen (2008, p. 47),

mas também se encobre a identidade do ator que realiza a ação. Ao se encobrir a identidade de um ator social individual que realiza determinada ação, explicitando-se, em lugar desta, uma instituição, está-se atribuindo importância a essa ação, uma vez que é mais fácil questionar a atitude de um indivíduo em particular do que a atitude de vários indivíduos institucionalizados.

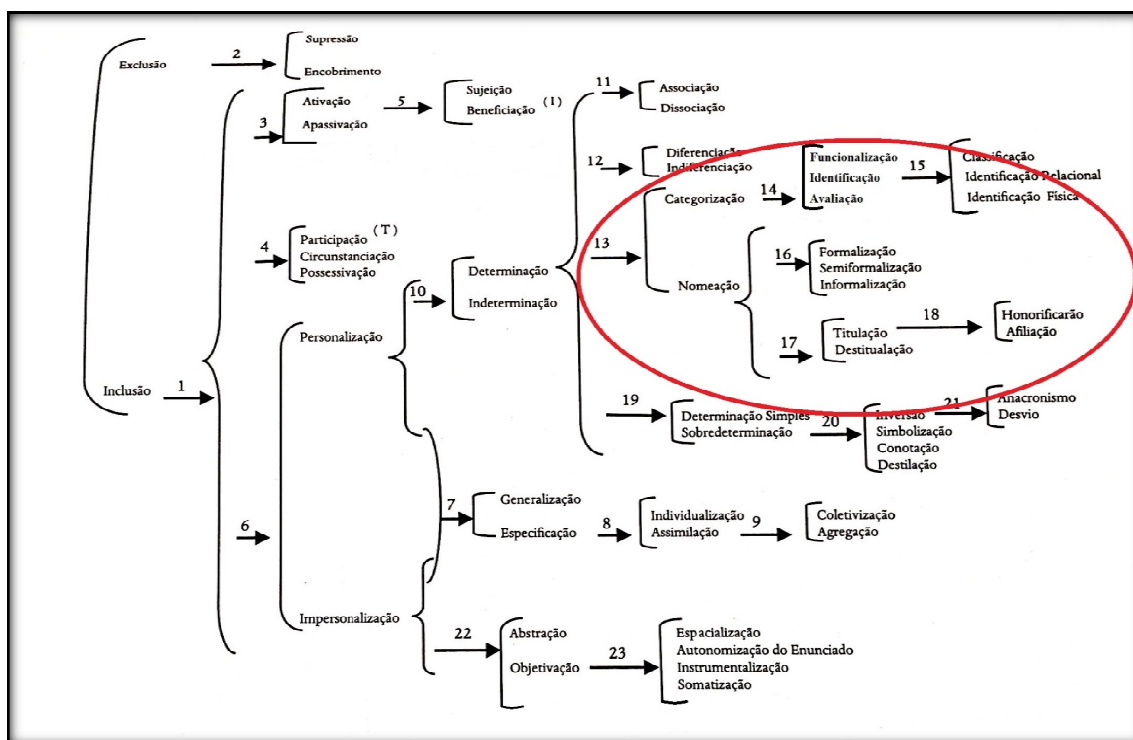
A análise dos GRÁF. 3 indica que tanto os Manifestantes, quanto os Agentes Públicos foram mais personalizados que impersonalizados nos dois *subcorpora* investigados. Apesar disso, a análise mais detalhada dos itens linguísticos que impersonalizam esses atores sociais se mostrou produtiva, uma vez que revelou aspectos discrepantes na representação dos Manifestantes nas duas línguas: nos textos em português, esses atores foram impersonalizados principalmente pela Espacialização, corroborando, novamente, a ideia de que os manifestantes são cidades, lugares, um bloco de pessoas sem individualidade. Por outro lado, nos textos em inglês, os Manifestantes foram impersonalizados principalmente pela Autonomização do Enunciado e tiveram seus enunciados restringidos a barulhos, gritos e berros enfurecidos, que, nesse caso, representam os Manifestantes de forma primitiva, aumentando, assim, a distância entre o representador e o representado (ASSIS, 2009, p. 141).

A Institucionalização foi a forma de Impersonalização mais frequente entre os Agentes Públicos nas duas línguas. No entanto, nos textos em português as instituições mais referidas foram aquelas ligadas à Polícia (Força Nacional, PM, Tropa de Choque), com o objetivo de conter os Manifestantes. Já nos textos em inglês, houve referências à Fifa, ao governo e aos partidos políticos, sugerindo que a imprensa estrangeira observava a manifestação por um foco mais global, não se detendo ao que acontecia nas ruas, e tentava correlacionar as manifestações aos eventos futebolísticos internacionais que aconteciam ou estavam para acontecer no Brasil.

Tendo feito o detalhamento das categorias de Impersonalização, apresentaremos o sistema de Personalização, que se biparte em dois subssistemas, quais sejam, o de Indeterminação e o de Determinação. O primeiro não se subdivide. No segundo, nos concentraremos nos subssistemas de Categorização e de Nomeação e em suas subdivisões, haja vista que buscamos evidenciar, neste trabalho, as substituições que envolvem o léxico e as metáforas, conforme explicamos anteriormente. A FIG. 6

apresenta o sistema RAS, identificando, através de um círculo em vermelho, as categorias de Personalização e os subsistemas acima mencionados:

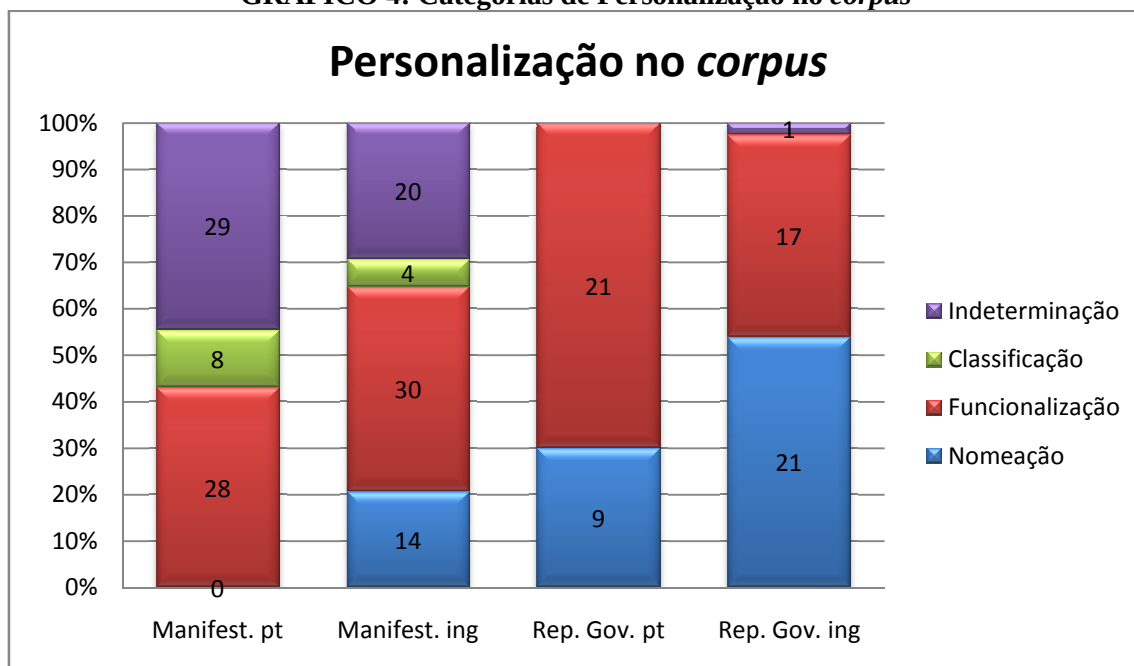
FIGURA 7: Recorte do subsistema de Personalização dentro do sistema RAS



Ao observarmos, da direita para esquerda, a parte circulada da figura acima, estamos visualizando os subsistemas finais (que não geram outras subdivisões) do sistema de Personalização. Nas etiquetas criadas para anotação do *corpus*, quando o ator social em questão é representado por Personalização, ele pode estar sendo determinado ou indeterminado. Se estiver representado por Determinação, esta se dá mediante: Nomeação, Funcionalização, Classificação, Identificação Relacional, Identificação Física ou Avaliação.

O GRÁF. 4 permite visualizarmos as quantidades de vezes em que os Manifestantes e Agentes Públicos foram representados por meio de categorias de Personalização no *corpus*:

GRÁFICO 4: Categorias de Personalização no corpus



No GRÁF. 4, observamos que os Manifestantes foram representados por Funcionalização 28 vezes (43%), por Classificação 8 vezes (12%) e por Indeterminação 29 vezes (45%) no *subcorpus* em português, enquanto foram representados por Nomeação 14 vezes (20%), Funcionalização 30 vezes (44%), Classificação 4 vezes (6%) e Indeterminação 20 vezes (30%) no *subcorpus* em inglês

É possível observar, ainda, que os Agentes Públicos foram representados por Nomeação 9 vezes (30%) e por Funcionalização 21 vezes (70%) no *subcorpus* em português. Já no *subcorpus* em inglês, foram representados por Nomeação 21 vezes (54%), por Funcionalização 17 vezes (44%) e por Indeterminação 1 vez (2%).

A partir das informações do GRÁF. 4, observa-se que, no *subcorpus* em português e em inglês, as categorias Personalização mais utilizadas para representar os Manifestantes foram a Indeterminação e a Funcionalização. Apesar de haver um número reduzido de representação por Classificação, essa categoria ocorreu apenas relacionada aos Manifestantes. Já os Agentes Públicos foram mais representados pela Nomeação e Funcionalização. Sobre a Classificação e Funcionalização de atores sociais, van Leeuwen (1993, p. 149) afirma:

[...] Classificação tende a ser usada, na nossa sociedade, para separar aqueles que diferem da norma (que são homossexuais,

ao invés de heterossexuais, imigrantes, ao invés de australianos, etc.) e **aqueles que estão submetidos à dominação**. A Funcionalização é, em nossa sociedade, dominante, e, em discursos dominantes, os **participantes dominantes são referidos apenas em termos de Funcionalização**.⁴⁰

O QUADRO 8 apresenta exemplos de Determinação no *corpus* de Nomeação, Funcionalização e Classificação. No entanto, conforme discutido anteriormente, o subsistema de Determinação envolve também as subcategorias de Avaliação, Identificação Relacional e Identificação Física, das quais não houve exemplos no *corpus* desta pesquisa.

QUADRO 8: DETERMINAÇÃO NO CORPUS

MANIFESTANTES EM PORTUGUÊS	MANIFESTANTES EM INGLÊS
NOMEAÇÃO	
-	Bruna Santana, Bruno Danna, David Luiz, Leandro Ferreira, Jennifer Novaez, Hulk, Nelber Bonifácio, Neymar, Rafael Siqueira, Romário, Tostão, Zico.
FUNCIONALIZAÇÃO	
Agressores, cidadãos, petistas, manifestantes, manifestante, minorias, militantes de partidos, moradores.	Demonstrators, employee, football supporters, member, members, physical therapist, protester, protesters, students, sympathizers, teacher, respondents.
CLASSIFICAÇÃO	
Adolescente, brasileiros, homem, garotos.	Brazilian, Brazilians
AGENTES PÚBLICOS EM PORTUGUÊS	AGENTES PÚBLICOS EM INGLÊS
NOMEAÇÃO	
Antônio Patriota, Cid Gomes, Dilma Rousseff, Paulo Ziulkoski, Zenaldo Coutinho.	Mr. Carvalho, Gilberto Carvalho, Dilma Rousseff, José Mariano Beltrame, Luiz Inácio Lula da Silva, Pelé, Ricardo Teixeira, Ronaldo, Rousseff, Teixeira.
FUNCIONALIZAÇÃO	
Autoridades, chanceler, governador, governadores, legislador, ministros, membros, prefeito, prefeitos, presidente, presidente do TJ.	Politicians, president, leaders, official, organizers, authorities.

Não houve ocorrência de representação por Nomeação dos Manifestantes nos textos em português. Conforme discutimos anteriormente, esse dado indica que, nos textos investigados, esses atores sociais foram construídos como um bloco monolítico,

⁴⁰ Tradução nossa de: “[...] classification tends to be used, in our society, to set apart those who differ from the norm (who are homosexual rather than heterosexual, immigrants rather than Australians, etc.) and those who are subjected to domination. Functionalisation is, in our society, dominant, and in dominant discourses, dominant participants are referred to only in terms of functionalisation.” (realce nosso)

sem individualidade e sem traços de unicidade em seus participantes. Conforme a Teoria de Representação de Atores Sociais, a Nomeação é a principal forma de individualização de um participante, pois o representa em termos de sua unicidade.

A diferença entre a representação por Nomeação e a representação por Funcionalização, Avaliação, Classificação, Identificação Física e Identificação Relacional (subdivisões do sistema de Categorização) é que, na primeira, o ator não é comparado a ninguém. Nas últimas, a representação acontece quando o ator social passa por algum tipo comparação. Por exemplo, a comparação do ator social com outros participantes em termos de suas características físicas configura a Identificação Física.

Como exemplos de Nomeação representando Manifestantes nos textos em inglês, encontramos nomes de pessoas públicas ligadas ao futebol, como “Hulk”, “David Luiz” e “Neymar”, o último expressou no texto e publicamente seu apoio às manifestações⁴¹. Diferentemente dos textos em português, os Manifestantes, nos textos em inglês, foram individualizados e representados por seus nomes, sugerindo que, apesar de também terem sido representados como um grupo, esses atores sociais possuem uma identidade própria. Além disso, tiveram suas falas em discurso direto, fator que, segundo Leech e Short (1981, citado por Assis, 2009), é uma forma de controle da narrativa que atribui mais poder aos representados.

Exemplo (30): *“They have been promising lots of things for many years, but it doesn’t go beyond that, said **Jeniffer Novaez**, a **physical therapist**”* (texto 5)

Exemplo (31): *“‘I’m here to fight corruption and the expense of the World Cup,’ said **Nelber Bonifácio**, an unemployed **teacher** [...]”* (texto 6)

Os Manifestantes nos textos em português foram representados principalmente por Funcionalização, uma forma de representação associada àqueles que têm poder. No entanto, o item de maior ocorrência foi “manifestantes”, que confirma e reforça sua condição de pessoas que participam de uma manifestação⁴². Esses atores sociais foram representados através de itens como “cidadãos”, mas também por

⁴¹ ““I want a Brazil that is fair and safe and healthier and more honest!” wrote Neymar on his Instagram blog”. Para ver em português: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/neymar-apoia-manifestacoes-no-brasil-entro-em-campo-inspirado.html>

⁴² Segundo o dicionário Aurélio online. Disponível em: <http://www.dicionarioaurelio.com/Manifestante.html>.

“agressores”, revelando, novamente, um discurso de confronto. No exemplo 32, observa-se que os protestos foram qualificados como pacíficos, e, por sua vez, os participantes foram representados como “cidadãos”.

Exemplo (32): “[...] para ele os protestos são positivos, pois acabam conscientizando a população e mostram **cidadãos** mais ativos.” (texto 1)

Exemplo (33): “Em São Paulo, 100 mil pessoas ocuparam a Avenida Paulista pacificamente, houve confrontos isolados entre **militantes de partidos**, sobretudo **petistas** e pessoas que se dizem sem partido” (texto 3)

Exemplo (34): “**Petistas** foram expulsos do ato que reuniu 110 mil pessoas às 20h, segundo o Datafolha.” (texto 2)

Exemplo (35): “A confusão começou quando o prefeito Zenaldo Coutinho desceu do gabinete para dialogar com os cerca de 15 mil **manifestantes** mas foi recebido com pedradas e disparos de rojões por uma minoria de **manifestantes exaltados** que acompanhavam o ato pacífico.” (texto 3)

Exemplo (36): “**Agressores** chegaram a atacar um veículo blindado da PM, conhecido como “caveirão”” (texto 2)

Nos exemplos 33, 34 e 35, enquanto os Manifestantes “ocupam pacificamente” as ruas, são representados como “pessoas”. No entanto, quando há “confrontos”, são representados como “manifestantes”, “manifestantes exaltados”, “militantes de partidos políticos” e “petistas”, sugerindo um pensamento oposicionista aos membros do Partido dos Trabalhadores. No exemplo 36, os Manifestantes, além de serem funcionalizados por “agressores”, ainda estão associados a ação de “atacar” um veículo da PM.

Exemplo (37): “*More than a million people took to the streets on Thursday night [...] This Fifa event was supposed to be a dry run for players and organizers before next year's finals, but it is police and **protesters** who are getting the most practice.*” (texto 6)

Exemplo (38): “*Although the marches have been mostly peaceful, clashes between police and **protesters** have injured more than 100 people [...]*” (texto 5)

Já nos textos em inglês, os Manifestantes foram representados por Funcionalização, principalmente por itens referindo às suas profissões, como “*student*”, “*teacher*”, “*employee*”, “*physical therapist*”, os últimos vistos nos exemplos 30 e 31, e

pelas palavras “*protesters*” e “*demonstrators*”, as quais também foram empregadas principalmente quando havia “*clashes*” (confrontos) com a polícia, como vemos nos exemplos 37 e 38.

Quanto à representação por Classificação, os Manifestantes nos textos em português foram classificados quanto ao sexo, à idade e à nacionalidade, enquanto nos textos em inglês foram classificados apenas quanto à nacionalidade. Esse fato reforça a compreensão de que a imprensa nacional recontextualizou a prática social sob uma perspectiva mais local, enquanto a imprensa estrangeira o fez sob uma perspectiva mais distanciada, aspectos discutidos na subseção de Impersonalização.

Exemplo (39): “Outro **homem** foi preso portando um coquetel molotov, segundo a PM” (texto 3)

Exemplo (40): “O protesto começou pacífico na região do Dique do Tororó, mas com a aproximação de dois **garotos** no perímetro do batalhão de choque, os policiais começaram a soltar bomba de gás e spray de pimenta.” (texto 3)

Exemplo (41): “[...] *which gathered steam last week and saw some 200,000 **Brazilians** demonstrate in a dozen cities on Monday [...]*” (texto 4)

Os Agentes Públicos foram representados por Nomeação e Funcionalização nas duas línguas, que são as duas formas que mais dotam o ator social de unicidade e respaldo social, conferindo-lhes, assim, poder. Observamos que nos textos em português, esses atores sociais foram representados por itens que fazem uma referência às instâncias estadual e municipal, como “Cid Gomes”, “Zenaldo Coutinho”, “Paulo Ziulkoski”, “presidente do TJ”, “prefeitos” e “governadores”. Nos textos em inglês, os Agentes Públicos foram representados por nomes relacionados ao cenário político nacional, como “Dilma Rousseff”, “Luiz Inácio Lula da Silva”, “Gilberto Carvalho”, e foram funcionalizados por itens que, embora não refiram o cargo que ocupam, estão relacionados à política, como “*politicians*”, e dão a ideia de poder, como “*authorities*”, “*official*” e “*leaders*”.

Exemplo (42): “*The country's current **leaders** [...] appear eager to compromise with the protesters and, eventually, try to co-opt them.*” (texto 4)

Exemplo (43): “*In a show of resolve, Ms. Rousseff and other **authorities** also lashed out at the growing violence among some of the protesters [...]*” (texto 5)

Retomando o sistema de Personalização, o qual se subdivide nos subsistemas de Determinação, aqui já detalhado, e o de Indeterminação, apresentamos o QUADRO 9, que apresenta os exemplos de Indeterminação encontrados no *corpus*.

QUADRO 9: Indeterminação no *corpus*

MANIFESTANTES EM PORTUGUÊS	MANIFESTANTES EM INGLÊS	AGENTES PÚBLICOS EM PORTUGUÊS	AGENTES PÚBLICOS EM INGLÊS
Grupo grupos minoritários multidão pessoa pessoas população	group groups crowds mobs people population populations	-	global elite

A Indeterminação ocorre quando os atores sociais não são especificados, isto é, são indivíduos ou grupo de indivíduos anônimos, cujas identidades o representador entende ser irrelevante para o leitor. Nos textos em português, a ocorrência de representação dos Manifestantes por Indeterminação foi quase igual à representação por Funcionalização, o que indica que estes atores sociais, ao mesmo tempo em que foram empoderados, foram destituídos de sua individualidade por meio de representações “pessoas”, “grupo”, “população”, “multidão”. Nos textos em inglês, os Manifestantes foram representados por itens como “*population*”, “*groups*” e “*crowds*”. Nos textos de ambas as línguas, a representação de Manifestantes por Indeterminação apresentou numerosa ocorrência, ficando atrás apenas da Funcionalização.

Exemplo (44): “Em São Paulo, 100 mil **pessoas** ocuparam a Avenida Paulista pacificamente [...]” (texto 3)

Exemplo (45): “[...] a polícia usou bombas para dispersar a **multidão**.” (texto 3)

Exemplo (46): “[...] roads into stadiums blocked by angry **crowds**, **mobs** throwing stones at Fifa offices [...]” (texto 6)

Os Agentes Públicos nos textos em inglês apresentaram uma única ocorrência de representação por Indeterminação através do item “*global elite*”, apresentado no exemplo:

Exemplo (47): “[...]Fifa has become a tainted brand, associated with a distant **global elite** who profit at the expense of local people.” (texto 6)

A partir desses dados, podemos tecer as seguintes considerações: a correlação das realizações textuais dos Manifestantes e dos Agentes Públicos com as categorias sociossemânticas propostas por van Leeuwen (1997) se mostrou relevante e produtiva, haja vista que estas realçam o significado sociológico dos elementos linguísticos que passam frequentemente despercebidos.

Observamos que, apesar de terem sido majoritariamente representados pela Funcionalização, os Manifestantes nos textos em português foram menos empoderados do que os Manifestantes nos textos em inglês, uma vez que as referências aos primeiros se deram de forma a confirmar sua condição de ‘pessoa que manifesta’, enquanto as referências aos últimos realçaram seu lugar na sociedade através da menção às suas profissões. Em outras palavras, nos textos em inglês, os participantes das manifestações foram vistos como algo além de pessoas que estavam protestando contra um estado de coisas, devido ao fato de terem sido representados através de seus outros papéis na sociedade, como professores, estudantes, funcionários, desempregados, etc.

Percebemos que os Agentes Públicos foram representados por Nomeação e Funcionalização nas duas línguas. No entanto, nos textos em português, se fizeram mais referências às pessoas e instituições locais, enquanto nos textos em inglês se fez alusão às pessoas e instituições ligadas ao cenário político nacional. Essa forma de representação sugere, como dito anteriormente, que a imprensa estrangeira fez um recorte mais amplo do que a imprensa nacional. Observamos, ainda, que, apesar das representações por Nomeação lhes atribuir poder, muitos Agentes Públicos fora da cúpula do governo, como policiais e guardas municipais, foram impersonalizados nos textos em português, indicando certo desprestígio destes atores sociais em relação àqueles que foram nomeados e funcionalizados.

De acordo com a crítica estrangeira, a imprensa brasileira adotou uma postura “anti-protestos”, tendo caracterizado os Manifestantes como baderneiros. No

entanto, a partir da análise dos exemplos retirados do *corpus*, percebemos que não houve diferenças substanciais na maneira como os atores sociais investigados foram representados nas duas línguas. De fato, nos textos em língua inglesa, os Manifestantes foram mais empoderados, mas não chegaram a ser representados como heróis, revolucionários, idealistas ou lutadores da liberdade. Foram representados pelas mesmas categorias sociossemânticas que os Manifestantes nos textos em português, tendo apenas algumas ocorrências a mais de Nomeação. No entanto, os Agentes Públicos nos textos em inglês também foram mais representados por Nomeação do que nos textos em português.

Considerando que os grupos Manifestantes e Agentes Públicos são, nesse caso específico, antagônicos, já que os primeiros são a favor e os últimos são contra as manifestações, se os textos em inglês dotam de poder ambos os grupos, esse empoderamento não surte tanto efeito se compararmos esses grupos dentro do mesmo *subcorpus*. Por outro lado, houve uma discrepância substancial entre as representações de Manifestantes e Agentes Públicos nos textos em português, uma vez que os primeiros são pouco empoderados em relação aos últimos.

No capítulo seguinte, serão oferecidas as considerações finais, revisitando os objetivos e as perguntas que orientaram esta dissertação, como também apontando suas contribuições e limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada neste trabalho incide sobre a representação de atores sociais em textos jornalísticos em português e em inglês relacionados aos Protestos no Brasil em junho de 2013. A referida investigação se situa nos Estudos da Tradução na medida em que se concebe a tradução como um fenômeno não restrito apenas a sistemas linguísticos, mas que pode envolver diferentes semioses. Considerando isso, a investigação das recontextualizações da prática social conhecida como Protestos no Brasil em 2013 em dois sistemas linguísticos constitui um objeto de estudo pertinente não apenas aos Estudos da Tradução, como também às Análises Linguísticas Contrastivas e na Semiótica Social.

À luz de Teoria de Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1996; 2008), analisamos a representação dos atores sociais agrupados sob os denominadores *Manifestantes* e *Agentes Público* sem textos jornalísticos em língua portuguesa e em língua inglesa, fazendo uma comparação não apenas das estruturas linguísticas realizadoras dessas representações nas duas línguas, mas também das categorias sociossemânticas representativas dos referidos atores sociais.

No primeiro capítulo, apresentamos o aporte teórico que fundamentam este trabalho. Primeiramente, apresentamos um panorama dos Estudos da Tradução a partir de dois mapeamentos consolidados neste campo de estudos, quais sejam, o de Holmes (1988) (com sua atualização) e o de Munday (2001). De acordo com estes mapeamentos, a pesquisa foi inserida, respectivamente, nos Estudos de *Corpora* e nas Abordagens Discursivas da Tradução. Em seguida, apresentamos a Teoria de Representação de Atores Sociais, que consiste em uma ferramenta de análise linguístico-discursiva derivada da Linguística Sistêmico-Funcional, a qual fundamenta as investigações realizadas neste trabalho e vem se consolidando tanto dentro, como fora dos Estudos da Tradução. Sua produtividade e pertinência se confirmam neste trabalho uma vez que realçou aspectos importantes das representações dos atores sociais nos textos investigados. Ainda no primeiro capítulo, apresentamos pressupostos da Linguística de *Corpus*, que forneceu sustentáculo metodológico não apenas para o levantamento e exploração dos dados, mas também para a realização das análises.

No segundo capítulo, descrevemos o *corpus*, composto por textos jornalísticos em língua portuguesa e em língua inglesa sobre o movimento conhecido como Protestos no Brasil, Jornadas de Junho ou, simplesmente, como Manifestações no Brasil. Em seguida, apresentamos as etapas metodológicas, seguidas para a exploração dos textos, buscando fundamento em trabalhos como o de Assis (2009) e Novodvorski (2013). Apresentamos, ainda, a grade de marcação para criação das etiquetas para o processo de anotação, bem como os dados sobre as dimensões do *corpus*.

No terceiro capítulo, respondemos às perguntas norteadoras desta pesquisa, apresentadas na Introdução do trabalho. O primeiro questionamento de pesquisa girou em torno das realizações linguísticas associadas aos Manifestantes e aos Agentes Públicos nos textos nas duas línguas. Baseados em Baker (1992, p. 183), esperávamos que na língua portuguesa, tanto os Manifestantes, quanto os Agentes Públicos tivessem sido realizados no texto principalmente por meio de recursos lexicais, enquanto esperávamos encontrar majoritariamente recursos gramaticais realizando esses atores sociais nos textos em inglês. Essa asserção foi parcialmente refutada, pelo fato de, apesar de a realização dos atores sociais nos textos em português de fato ter ocorrido principalmente através de recursos lexicais, a realização dos atores nos textos em inglês também ter acontecido por recursos lexicais. Esse dado aponta a necessidade de investigação dentro das abordagens que buscam mapear as características dos textos escritos originalmente em inglês. Por outro lado, é possível que os textos em inglês tenham sofrido influência das características dos textos em português, uma vez que a prática social se passou no Brasil e os primeiros textos sobre ela possivelmente tenham sido em português.

O segundo questionamento de pesquisa consistiu na correlação das realizações textuais encontradas a partir da primeira pergunta com as categorias sociossemânticas de Inclusão e Exclusão do sistema RAS. A asserção prevista para responder ao segundo questionamento surgiu como consequência da asserção prevista para responder ao primeiro questionamento. Esperávamos que nos textos em português os atores sociais investigados fossem ser representados principalmente por categorias de Inclusão, enquanto nos textos em inglês os atores sociais seriam Excluídos da representação. A asserção foi refutada pelo fato de tanto nos textos em português, quanto nos textos em inglês, ter havido representações de Inclusão e de Exclusão associadas aos atores sociais investigados. Esse resultado sugere que a representação

desses participantes de fato foi polarizada em Inclusão e Exclusão não quanto ao idioma, conforme a asserção prevista, mas sim quanto ao grupo a que pertencem: no *corpus*, os Manifestantes foram mais excluídos, enquanto os Agentes Públicos foram mais incluídos.

No que diz respeito à correlação das realizações com o Sistema RAS, partimos dos sistemas da Exclusão e Inclusão, sistemas mais amplos, para então partirmos para os subsistemas mais refinados (Personalização/Impersonalização, Determinação/Indeterminação). As pistas discursivas observadas na resposta ao primeiro questionamento e nos exemplos indicam que, apesar de haver distinções entre os sistemas linguísticos no que tange à *realização textual* dos atores sociais investigados, há semelhanças entre os dois sistemas linguísticos quanto à forma de representar os Manifestantes e os Agentes Públicos, segundo o Sistema RAS.

Após a análise dos dados, constatamos que as críticas feitas à imprensa brasileira procedem, no que tange à representação desprestigiada dos Manifestantes nos textos em português. Observamos, ainda, que as formas através das quais esses atores sociais foram representados nos textos em inglês também denotam desprestígio, embora em escala menor do que nos textos em português.

O fato de a imprensa estrangeira ter citado nomes de pessoas que estavam presentes às ruas quando do acontecimento das manifestações e de tê-los representado a partir de seus papéis sociais, pode decorrer de os jornais estrangeiros terem feito um maior detalhamento da prática social investigada, comprovado pela dimensão do *subcorpus* em inglês. Ademais, muitos desportistas foram citados nos textos em inglês, resultado do enfoque nacional que relacionou as manifestações aos acontecimentos futebolísticos concomitantes.

Além disso, as representações que destituem de poder os Manifestantes ficam ainda mais evidentes quando comparadas àquelas associadas aos Agentes Públicos nos textos em português. Nesse sentido, confirma-se que a polarização observada nesta pesquisa se deu entre a representação dos Manifestantes e a representação dos Agentes Públicos, e não entre os textos em português e os textos em inglês.

Ao responder às perguntas, acreditamos que esta pesquisa tenha atingido os seus objetivos gerais e específicos, estando os primeiros relacionados à contribuição

para os Estudos da Tradução (através da proposta de uma interface com a Semiótica Social por meio da comparação das representações de atores sociais em um *corpus* comparável bilíngue); e os últimos, relacionados à aplicação da Teoria de Representação de Atores Sociais para a investigação dos Manifestantes e Agentes Públicos em um *corpus* comparável bilíngue composto por textos midiáticos.

A contribuição desta pesquisa para os Estudos da Tradução, para as Análises Críticas do Discurso e para os Estudos Contrastivos apresenta limitações, especialmente por se constituir como o estudo de um recorte temporal, enfocando uma prática social específica e sem fazer caracterizações acerca dos posicionamentos ideológicos dos jornais de onde foram retirados os textos. Quaisquer dos dados apontados em relação a eventuais características de textos escritos em língua portuguesa e inglesa sobre o movimento conhecido como Manifestações devem ser investigados com maior detalhe, ampliando-se o *corpus* para inclusão de mais textos ou determinando um gênero jornalístico específico para análise.

Este não é o fim. Esperamos que esta dissertação se configure como ponto de partida para vários outros estudos, dentro e fora dos Estudos da Tradução e das Análises Contrastivas. Entre as possibilidades apontadas direta ou indiretamente ao longo desta pesquisa, encontram-se a investigação dos atores sociais que foram, por ventura, suprimidos das recontextualizações das manifestações, através da comparação entre uma maior quantidade de textos sobre esse evento; a investigação sobre as linhas discursivas adotadas pelos jornais investigados e suas correlações com outros fatos de repercussão na mídia.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. S.; CABRAL, S.R.S. Os negros pelos negros: uma análise a partir da teoria da Avaliatividade na revista raça Brasil. *Revista Uniabeu*. vol. 4, nº 6, 2011. Disponível em <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/85/178>> último acesso em 22/06/2014

ASSIS, R. C. A interface tradução e linguística sistêmico-funcional no Brasil. *Revista Traduzires*. vol 1, nº 1, 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6655/5371>.

_____. *A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O Coração das Trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Tese.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opin. Pública*, Campinas, v. 12, n. 1, Maio 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762006000100004 Acesso em 09 Jul. 2014.

BAKER, M. *In other words: a course on translation*. London and New York: Routledge, 1992. p.180-216.

BRANCO, S. O. *Michael Oustinoff. Tradução: História, teorias e métodos*. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 28, p. 213-220, dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p213/20382>>. Acesso em: 05 Jan. 2015

BUENO, L. T. *Chapeuzinho Vermelho e Caperucita Roja: uma investigação de reescritas com base na representação (visual) de atores sociais e na representação da ação social*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Tese.

COULTHARD, M. On analysing and evaluating written text. In: _____. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge. 1992. p. 1-11.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

_____. *Media discourse*. New York: Edward Arnold, 1995.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001[1992].

_____. *Language and globalization*. New York: Routledge, 2006.

GOUVEIA, C. M. *O amansar das tropas: linguagem ideologia e mudança social na instituição militar*. Tese de doutorado. 1997. 484 f. Lisboa: Universidade de Lisboa, Portugal. 1997.

HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18.

HATIM, B.; MUNDAY, J. *Translation: An Advanced Resource Text*. London e New York: Routledge, 2004.

HOLMES, J. S. *The Name and Nature of Translation Studies*. Disponível em: http://www.universita-mediazione.com/wp-content/uploads/2012/02/Materiale_Prof_Donadio_31_01_2012.pdf Acesso em: 13 de julho de 2014

HOUSE, J. *Translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Niemeyer, 1997.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. *On translation*, v. 3, p. 30-39, 1959.

JESUS, S. M. *Estudos sistêmicos funcionais da tradução*. Domínios da linguagem. vol. 6, nº1, 2012.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York; UK: Palgrave, 2005.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds). *Exploring translation and multilingual text production, beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MATTHIESSEN, C. M.I.M. Multilingual humanity, multilingual studies: hope or despair. In: 32th ISFC International systemic functional congress, 2005, Sidney. Resumos eletrônicos. Disponível em: <http://www.asfla.org.au/isfc2005/speakers.html> Acesso em 03 de julho de 2014

NOVAIS, P.A.O. *A representação de personagens infantis em contos de Saki e em suas traduções para o português brasileiro*. João Pessoa: UFPB. Universidade Federal da Paraíba, 2013.

NOVODVORSKI, A. *A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico*. 2008. enc. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.

OLIVEIRA, F.F. *A representação de Jesus Cristo no Evangelho de João*. João Pessoa: UFPB. Universidade Federal da Paraíba, 2014.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. *Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990*. DELTA, São Paulo , v. 19, n. spe, 2003.

PARDO ABRIL, N.G. *Representación de los actores armados en conflicto en la prensa colombiana*. Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C. Bogotá , n. 18, Junho 2005.

Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-338X2005000100007&lang=pt Acesso em: 13 de julho de 2014.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.; BARBARA, L. *Linguistic constructions of appraisal in the novel The Picture of Dorian Gray and its Brazilian translation and adaptations: an exploratory analysis*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso), v. 13, p. 229-255, 2013

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **DELTA**, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 Jan. 2015

SILVA, T. S. *Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional*. Santa Maria: UFSM. 222 fl. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2012.

TAGNIN, S. E. O. . Glossário de Linguística de Corpus. In: Vander Viana; Stella E. O. Tagnin. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. 1 ed. São Paulo: HUB Editorial, 2010, v. , p. 357-361.

TOURY G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

VAN DIJK, T. Discourse and Knowledge. In: James Paul Gee & Michael Handford (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*. London: Routledge, 2012. p. 587-603.

_____. *Ideology and discourse: A multidisciplinary introduction*. English version of an internet course for the Universitat Oberta de Catalunya (UOC), 2000.

_____. The mass media today. *Discourses of domination or diversity?* Javnost/The Public (Ljubljana), 2(2), 27-45. 1995

VAN LEEUWEN, T. *Language and representation: the recontextualization of participants, activities and reactions*. PhD Thesis - Department of Linguistics, University of Sydney, Sydney, 1993.

_____. A representação de atores sociais. In: Pedro, E. R. (Org.) *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Editorial Caminho S.A., 1997. p.169-222.

_____. *Discourse and practice: New tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

VASCONCELLOS, M. L. B.; PAGANO, A. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de *Corpus*. In: PAGANO, A.;

MAGALHÃES, C.; ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

WODAK, R. 2004. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*. LemD, Tubarão, v.4, n. esp., 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/297/313 Último acesso em: 23/06/2014